



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)**

**AS JOVENS RURAIS DE CACHOEIRA SECA/CARUARU: UMA ANÁLISE
INTERSECCIONAL ENTRE GÊNERO/JUVENTUDE/DESENVOLVIMENTO
LOCAL**

RECIFE

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)

**AS JOVENS RURAIS DE CACHOEIRA SECA/CARUARU: UMA ANÁLISE
INTERSECCIONAL ENTRE GÊNERO/JUVENTUDE/DESENVOLVIMENTO
LOCAL**

Eliane Maria Araujo da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco como exigência para obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Giuseppa Maria D Spenillo
Orientadora

Recife
Maior/2016

Ficha Catalográfica

S586j Silva, Eliane Maria Araujo da
As jovens rurais de Cachoeira Seca/Caruaru: uma análise
interseccional entre gênero/juventude/desenvolvimento local /
Eliane Maria Araujo da Silva . -- 2016.
60 f. : il.

Orientadora: Giuseppa Maria Daniel Spenillo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de
Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e
Desenvolvimento Local, Recife, BR-PE, 2016.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Interseccionalidade 2. Juventude Rural 3. Gênero
4. Desenvolvimento rural I. Spenillo, Giuseppa Maria Daniel,
orient. II. Título

CDD 303.44



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL
(POSMEX)

Giuseppa Maria Daniel Spenillo
UFRPE (orientadora)

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão
UFRPE (examinadora interna)

Isolda Belo da Fonte
Fundaj (examinadora externa)

Dedico este trabalho a meu pai Ernesto Paulo da Silva (in memoriam) pelo incentivo que sempre deu a minha educação.

Agradecimentos

A toda minha família, principalmente as minhas mães Lenita e Marly (in memorian); A(os) Professorxs que me acompanharam nessa trajetória, Giuseppa Maria Daniel Spenillo (orientadora / PIC/PIBIC/TCC e mestrado), Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão (DECISO) e GPDESO que me fez entender a importância da categoria Gênero e da relação e respeito às comunidades pesquisadas, Fábio Andrade e Gilvando Rios (pelos ensinamentos de Bourdieu), Cláudio Morais (Companheiro nas oficinas com as/os jovens de Cachoeira).

Ao grupo do POSMEX, em especial a professora Irenilda Lima pelo acolhimento, disposição e atenção com todos e a professora Aparecida Tenório carinho e dedicação nas aulas.

A Márcia Paraíso, Professor Brás Callou, professora Salett Tauk, professor Paulo de Jesus, professora Betânia Maciel e a professora Maria das Graças Ataíde pelas aulas em locais alternativos.

A Maria José de Sena, pela competência.

A Isolda Belo da Fonte por aceitar meu convite para banca com carinho e atenção.

A turma do Posmex 2014.1 .

A Professora Maria Athayde por me inspirar a seguir na academia.

Rose Pepe (amiga de infância).

As mulheres de Cachoeira Seca: Cícera Silva, que abriu as portas da comunidade para a realização das entrevistas, sem ela o trabalho de campo seria quase impossível;

Ao grupo da Escola José Clemente de Souza, principalmente Ana Carmem que nos apoiou nas idas e vindas à Cachoeira Seca.

A Francisco Rodrigues Neto (Chico), jovem pedagogo que sonha como nós por um futuro melhor para a juventude do semiárido, em particular a de Caruaru.

A Josiane Morais e Charles Paiva, pela amizade, força e carinho.

João Gabriel, pelo companheirismo e atenção sempre – menino querido.

Aline Bomfim, companheira e amiga de sempre.

AS JOVENS RURAIS DE CACHOEIRA SECA/CARUARU: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL ENTRE GÊNERO/JUVENTUDE/DESENVOLVIMENTO LOCAL

Resumo

Na presente pesquisa analisamos a demanda por políticas públicas a partir da voz das jovens mulheres da comunidade Cachoeira Seca, localizada na zona rural de Caruaru e semiárido pernambucano, na perspectiva da interseccionalidade. A relevância desse estudo está na compreensão das dinâmicas sociais e relações de poder em uma comunidade rural, que tem em suas configurações a presença de jovens mulheres costureiras de famílias oriundas da agricultura. A interseccionalidade é uma forma tridimensional de olhar a discriminação e o espaço de subordinação em que se encontra o sujeito social a quem se destina a política pública. Nessa pesquisa, a mulher jovem de Cachoeira Seca em seu espaço/local de vida. Nesse sentido, analisamos as políticas públicas que são oferecidas às jovens rurais locais a partir das suas demandas. Como resultados do discurso das pesquisadas, constatamos que há ausência de comunicação entre o poder público local e a comunidade. Neste sentido, observamos que as políticas públicas locais ou estão ausentes e se presentes, não atendem as demandas específicas das jovens rurais de Cachoeira Seca de acordo com os seus discursos. Nosso aporte teórico parte das leituras de, entre outros, Crenshaw (2002) interseccionalidade; Wanderley (2000) Rural; Castro (2006) Juventude Rural; Elias (1994) Sociedade e Indivíduo; De Jesus (2003) Desenvolvimento Local; Trivinos (2003) Metodologia, Scott (1990) Gênero, Santos (2010, 2002), Epistemologia.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Juventude Rural, Gênero, Desenvolvimento Rural.

AS JOVENS RURAIS DE CACHOEIRA SECA/CARUARU: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL ENTRE GÊNERO/JUVENTUDE/DESENVOLVIMENTO LOCAL

Abstract

The present research analyzes the demand for Public Policies from young women of *Cachoeira Seca* community voices, trying an intersectionality perspective of study. *Cachoeira Seca* can be defined as a rural area in Pernambuco/ Brazil Northeast, with a distinguished semi-arid climate. The relevance of this study is to understand social dynamics and power relations in a rural community, in which young women have become seamstresses while agricultural laborers. The intersectionality is a three-dimensional shape to look at discrimination and subordination of some social subject for the time being receptors of Public Policies. Specifically in this research, social subject is the young woman, and the space in which she lives and works. In this sense, it seeks to examine whether the Public Policies offered to these rural young women attempt to attending their demands. As a result, it can be noticed, through young women listened by research, that there is a lack of communication between the local government and the community. In this sense, it had been observed that the local Public Policies or are absent or, if present, do not meet the specific demands of the rural young women of *Cachoeira Seca*. Theoretical bases are brings from Crenshaw (2002) intersectionality; Wanderley (2000) Rural concepts; Castro (2006), Rural Youths; Elias (1994), Society of individuals; De Jesus (2003), Local Development concepts; Trivinos (2003), Methodology, Scott (1990) Gender concept; Santos (2010, 2002), Epistemology, among others.

Key words: Intersectionality, Rural Youths, Gender, Local Development.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COMUDI – Grupo de Pesquisa em comunicação, direitos, cidadania e mudanças Sociais.

PCA – Pólo de Confeções do Agreste.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Quadro I – Perfil de Entrevistadas moradoras locais

Quadro II – Instituições locais na comunidade Cachoeira Seca

Figura I – Facções nas residências em Cachoeira Seca

Sumário

	Página
Introdução.....	12
1. Metodologia.....	14
2. Diálogos Conceituais: Interpretando dados da pesquisa	23
2.1. Juventude no Rural e Gênero.....	23
2.2. O Rural e o Urbano.....	25
2.3. Desenvolvimento Local e Gênero	27
2.4. Políticas Públicas – Presenças e Ausências	32
3. Conclusões	37
4. Referências	39
5. Artigo Científico.....	46

Introdução

A pesquisa teve como objetivo compreender a comunicação das jovens mulheres de Cachoeira Seca com o poder público municipal, a partir do seu discurso sob a perspectiva da interseccionalidade nas políticas públicas.

Nesse sentido, os objetivos específicos realizados foram: a identificação e análise da demanda por políticas públicas das jovens mulheres da Comunidade de Cachoeira Seca em Caruaru, no semiárido pernambucano, a partir do seu discurso; compreender se ocorre/não ocorre a comunicação entre o poder público local e a comunidade; analisar as relações de poder entre as mulheres da comunidade e o poder público local.

A interseccionalidade é uma forma holística de interpretar possíveis discriminações e espaços de subordinação estruturais em que se encontra o sujeito social. Dessa forma, toma-se como sujeito a quem se destina as políticas públicas as jovens rurais de Cachoeira Seca em seu local e modo de vida.

Nesse sentido busca-se analisar as políticas públicas que são oferecidas às jovens rurais assimilando a demanda local junto às pesquisadas. Na perspectiva de dar continuidade ao estudo das juventudes do semiárido¹ e da área rural, nessa pesquisa apresentam-se as suas falas e as suas demandas para o campo científico, no formato de artigos e apresentações em congressos e seminários.

A relevância desse estudo está na compreensão das dinâmicas sociais e relações de poder em uma comunidade rural, que tem em suas configurações a presença de jovens mulheres costureiras de famílias oriundas da agricultura.

Os estudos sobre a juventude no campo científico aumentaram nos últimos tempos, segundo Abramo (1997), porém as pesquisas realizadas primam na leitura da/do jovem como problema social. Gil Souza (2004, p. 48) corrobora com a leitura de Abramo (1997) afirmando que ao associar a juventude a noção de crise, drogas, irresponsabilidades que necessitam de políticas públicas, o poder público não aborda a juventude a partir da “normalidade do seu cotidiano”. Nesse sentido, observa-se outro

¹Durante os anos de 2011 a 2013 pesquisamos a juventude do semiárido pernambucano, participando de projetos financiados pelo CNPq e Ministério das Comunicações e realizados pelo grupo de pesquisa em Comunicação, direitos, cidadania e mudanças sociais/COMUDI. Nesse período participamos dos programas de iniciação científica PIC/UFRPE e PIBIC/CNPq, trabalhando o protagonismo juvenil no PROJOVEM Adolescente a partir das falas dos jovens de Caruaru e Serra Talhada e dos poderes públicos municipais, estaduais e federais.

fator relevante que é a diversidade da categoria juventude engendrando “juventudes” a partir da sua pluralidade.

Na leitura dessas juventudes, destacam-se as/os jovens rurais, grupo que Maria José Carneiro (1998, p. 1) afirma que na década de 1990 não havia interesse nos estudos para os pesquisadores e nem das instituições que desenvolvem projetos sociais. No entanto, a autora indica que já existe uma busca pela pesquisa desses jovens devido a “crise da agricultura familiar e dos processos econômicos recentes que transformam o rural em um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola”. Nesse sentido, a autora afirma ainda que a juventude rural é o grupo mais atingido com *a queda do muro* entre o rural e o urbano, principalmente pela perda das perspectivas dos que vivem da produção agrícola.

Diante desta crise na agricultura e com o avanço do modo de vida urbano sobre o rural, busca-se a compreensão do que é ser *jovem mulher rural* na Comunidade de Cachoeira Seca/Caruaru. O local tem um histórico na produção agrícola, mas desde os anos 1980 sua principal fonte de renda é a costura do jeans para o mercado têxtil da região. Ressaltamos que essas atividades são realizadas tanto por homens como pelas mulheres em seus lares; no entanto, para as mulheres há uma dupla jornada de trabalho: além da costura, cabe a elas as atividades domésticas, conforme o modelo urbano capitalista.

A partir das entrevistas realizadas, podemos confirmar que existe o acúmulo do trabalho das mulheres da comunidade salientando que o trabalho doméstico difere do trabalho no domicílio².

Durante a pesquisa etnográfica surgiram questionamentos que buscou-se responder através das análises de entrevistas e pesquisas de campo: De que forma chegam ou não, as reivindicações desse grupo ao poder público e quais as demandas locais dessas mulheres, costureiras, mães e em alguns casos também agricultoras?

A partir das respostas tecemos o presente trabalho, focando na compreensão dos modos de vida e saberes dessas mulheres da comunidade de Cachoeira Seca.

² Para Bezerra (2011), a partir da leitura de Ruas (1993), o conceito de trabalho a domicílio tem como característica ser uma atividade realizada em ambiente familiar, remunerada, e depende da relação de contratantes, sendo dessa forma uma subcontratação.

1. Metodologia

A análise dos dados coletados fundamenta-se inicialmente na leitura de Boaventura de Sousa Santos (2010), que nos traz uma reflexão sobre os paradigmas vigentes.

Segundo Santos (2010), na metade da década de 1980 instala-se uma crise epistemológica entre os cientistas, principalmente os físicos, fato que influenciou todas as ciências, inclusive, as sociais. Para Santos (1980), o pensamento positivista mostra sinais de esgotamento, especificamente na distinção entre o sujeito e o objeto e entre a natureza e a sociedade. Santos (1985) apresenta a importância da física quântica nesse processo, no evento em que “Heisenberg e Bohr demonstram que não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, sem o alterar, e a tal ponto que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que lá entrou.” (SANTOS, 1985, p.9).

Nas Ciências Humanas percebe-se um enfraquecimento do paradigma positivista que defende a separação entre sujeito e objeto, corroborando com uma nova leitura na relação entre pesquisador e pesquisado. Neste sentido, Santos (2002, p. 262) entende que o trabalho de “tradução” entre as culturas permite a compreensão da realidade pelo pesquisador a partir do pesquisado, da sua cultura e das suas experiências. O autor indica que este processo consiste em identificar “a relação hegemônica entre as experiências e o que nestas está para além dessa relação”.

Para realizar-se o trabalho de tradução é necessário que se remeta a uma sociologia das ausências, pois a partir dela pode-se emergir o que está invisível aos olhos de uma ciência monocultural, pois para esta é necessário ausentar/anular as culturas afirmando assim a sua hegemonia.

Santos (2010) entende que não existe uma única forma de invisibilizar o sujeito, pois a não existência parte da conexão de diferentes lógicas todas elas oriundas da monocultura racional. São cinco as lógicas ou modos de produção de não-existências referidas por Santos (2010, p.103):

- A monocultura do saber e o do rigor do saber: Consiste no modelo de conhecimento científico e cultura ocidental como detentor das regras únicas de “verdade e realidade estética”.
- A monocultura do tempo linear: Parte do pressuposto que a história e o tempo seguem uma escala definida na modernidade pelos países centrais, no sentido de

que quem não está dentro dos parâmetros de avanço / crescimento / desenvolvimento desses países é declarado atrasado.

- A lógica da classificação social: É a naturalização das diferenças, em que a monocultura estabelece categorias sociais hierarquizando-as. Para Santos (2010) “a relação de dominação é a consequência e não a causa dessa hierarquia”. O patriarcalismo é um exemplo dessa lógica, em que culturalmente as mulheres ocupam/não ocupam os espaços sociais a partir de regras determinadas pelos homens.
- A lógica da escala dominante: se mostra sob duas formas – universal e global – . Santos (2010) indica que a globalização é a escala mais importante, pois o que difere da cultural global – particular e local por exemplo – são anuladas ou absorvidas pelo global.
- A lógica produtivista: está fundamentada nas regras de produtividade capitalista, dessa forma a não existência da natureza (esterilidade) e o não trabalho que resulta em ausência do sujeito na sociedade. O não trabalho e a não produção retira (quando tem) do indivíduo o direito a existir quando a existência está intrínseca ao consumo e a produção.

Dessa forma, a nossa leitura de campo observa as lógicas de invisibilidade citadas por Santos (2010) na condição de identificar as suas existências nos modos de vida das pesquisadas.

Diante das diferenças culturais, ao entrar em contato com as entrevistadas, busquei despir-me do discurso científico. Na primeira entrevista, realizada com a jovem M.S., quando perguntei se ela poderia responder algumas perguntas a sua resposta foi direta: “Se eu souber responder”. Deixei claro que eram perguntas sobre o seu cotidiano, porém, pelo fato de eu ter sido apresentada pela agente de saúde do posto local, como pesquisadora de uma Universidade Federal, a entrevistada ficou introspectiva e talvez tenhamos pistas de uma evidência das lógicas apresentadas por Santos (2010) – que demonstra os diversos aspectos de dominação cultural . No desenrolar da conversa, compreendi a importância que M.S. dá a educação, pois a mesma não teve oportunidade de estudar, iniciando sua vida no trabalho aos 12 anos, idade em que também casou.

Nesse sentido, diante da troca de subjetividades, compreendemos que na relação pesquisador/pesquisado não cabe a neutralidade, mas um processo de ver o

outro e se colocar em uma relação de igualdade. Antes de pesquisadores e pesquisados, somos humanos buscando e trocando conhecimentos.

Dessa forma, apenas a pesquisa quantitativa, não daria conta da complexidade de uma análise das relações sociais e culturais locais no campo. A pesquisa qualitativa traz possibilidades de percebermos as lacunas, os vazios, a invisibilidade de grupos sociais nos aproximando da realidade.

Melucci (2005) ressalta que a pesquisa qualitativa sofreu um processo de mudanças a partir dos anos 1980, tanto na teoria quanto na prática. O autor compreende que houve um aumento na aplicação desses métodos de pesquisa nas Ciências Sociais, e que ainda existem processos experimentais nos quais são analisadas novas práticas de campo que atendam as questões teóricas e problemas. Percebe-se que o campo da ciência é um espaço de produção, em que pesquisadores produzem e consomem – fomentando um mercado de conhecimento. Dessa forma, as novas experimentações necessitam ser legitimadas, produzindo “efeitos fundamentais sobre as políticas de pesquisa, sobre as fontes e sobre as formas de financiamento e, enfim, sobre as relações entre instituições que se ocupam da pesquisa de modo profissional” (MELUCCI, 2005, p.27).

Um dos fatores que influenciaram os pesquisadores no interesse pela pesquisa qualitativa, para Melucci (2005), advém de eventos históricos da modernidade. O processo se inicia com a individualização do sujeito social na sociedade moderna, que recebe suporte para um agir autônomo. Dessa forma, ocorre um crescimento do conhecimento pela experiência, o que reduz as possibilidades de respostas apenas pela pesquisa quantitativa. É relevante também para Melucci (2005, p.29) a “importância da vida cotidiana como espaço no qual os sujeitos constroem o sentido do seu agir e no qual experimentam as oportunidades e os limites para a ação.”

Elias (2008) compreende que os estudos sociais e humanos exigem que os pesquisadores não se distanciem dos outros indivíduos, pois somos humanos e devemos reconhecer os outros, não como objeto – mas como parte da sociedade que estudamos. Portanto, quando pensamos e analisamos os fenômenos sociais, não podemos esquecer que somos membro de uma sociedade e neste sentido Elias (2008, p.13) indica que “Ao pensarmos na sociedade contemporânea, é difícil fugir ao sentimento de estarmos a encarar seres humanos como se fossem meros objetos, separados de nós por um fosso intransponível”. O autor propõe uma abordagem configuracional para a compreensão dos indivíduos na sociedade e alerta quanto à questão da individualização da sociedade

moderna, uma vez que se refere à distância que se coloca entre o indivíduo e o social. Conforme Elias (2008, p.13) não existe uma separação entre indivíduo e sociedade, pois a sociedade é composta por indivíduos. Nesse sentido, as dinâmicas sociais ocorrem segundo Elias (1994) entre indivíduo/ sociedade que ele denomina como psicogênese e entre sociedade/indivíduo processo de sociogênese.

A compreensão das configurações locais, relações sociais e de poder, iniciou-se durante as oficinas de inclusão digital no ano de 2003. Essas oficinas foram parte do projeto de extensão "Inclusão Digital de Jovens Rurais: Comunicação e Cidadania para inclusão digital de jovens/PE" financiado pelo Ministério das Comunicações através do Edital 01/2011.

O projeto acontecia nos finais de semana, o grupo chegava às sextas-feiras na comunidade, e exibia filmes nas praças. Os moradores locais colaboravam com a organização dos encontros de cinema, colocando cadeiras e dispondo das ligações elétricas para o equipamento. Após a exibição eram realizados debates sobre os temas abordados, como por exemplo, saneamento básico, a vida no semiárido, entre outros.

Nesse período foram realizadas reuniões com a gestora da Escola Municipal José Clemente de Souza na época, Sra. I. M., quando a mesma relatava um pouco do perfil das/dos jovens locais estudantes da escola. Dentre as características colocadas pela gestora, uma chamou a atenção, a de que "as crianças quando nascem em Cachoeira Seca, não seguram uma chupeta, mas agulha e linha".

A compreensão desse ditado local ocorreu durante as oficinas, quando observamos que o motor da comunidade é o fabrico de jeans. Durante as idas ao mercado, farmácias e padarias - percebemos que as garagens em sua maioria tinham uma máquina ou mais de costura.

Durante as entrevistas com a agente de Saúde C.S., conhecemos um pouco das histórias locais. Ela nos contou que a maioria dos moradores da comunidade são parentes, pois são descendentes do fundador que dá nome a escola: José Clemente de Souza.

Dessa forma, entende-se que a pesquisa qualitativa proporciona uma visão mais próxima da realidade social, pois conduz a uma leitura dos atores sociais considerando as dinâmicas das relações sociais e observando o seu contexto histórico, econômico, político e social.

Na leitura sobre as jovens mulheres moradoras da Comunidade Cachoeira Seca, trabalha-se, portanto, no sentido da tradução intercultural (Boaventura de Sousa Santos)

sob a perspectiva configuracional de Norbert Elias. A abordagem configuracional segundo Giuseppa M. D. Spenillo (2007, p. 7):

[...] é uma proposta epistemológica que considera indivíduos e grupos enquanto sistemas abertos e em permanentes e renovadas relações entre si (as relações mesmas são entendidas como processuais!), e que, portanto, busca dar conta das múltiplas perspectivas relacionadas (indivíduos, relações, redes) que *configuram* uma sociedade.

Elias (2008) nos fornece uma metodologia que implica em observarmos as interdependências e redes formadas por indivíduos e comunidades, em que não exista uma naturalização do social. Nesse sentido, Elias propõe uma aproximação da realidade, pressupondo “interdependências, pertencimentos, reciprocidades, sentidos aleatórios se não planejados, espontaneidade, sistemas abertos, conflitos/equilíbrios.” (SPENILLO, 2007, p. 4). Dessa forma, consideramos na nossa pesquisa olhar os processos das relações na comunidade a partir das dinâmicas sociais locais, para então interpretar as relações que as jovens mulheres locais estabelecem com as políticas públicas.

A dinâmica dos encontros e trocas entre as mulheres da comunidade ocorre nas reuniões da escola e nas igrejas. Existem na comunidade duas igrejas, sendo uma católica e a outra evangélica. Na tentativa de reunir as mulheres locais para uma dinâmica, compreendemos que isto não seria possível, por dois fatores. Inicialmente, os encontros na igreja católica ocorrem à noite durante a semana, e a comunidade não dispõe de transporte para a cidade de Caruaru nesse horário, nos impossibilitando de participar. Em relação à possibilidade do uso do espaço da igreja, não haveria problema, pois, a responsável pelo local é a agente do posto de saúde, C.S., que nos cedeu o local, caso fosse necessário. Porém, na igreja evangélica, segundo C. S., seria necessária uma autorização prévia do pastor. Durante a entrevista tomamos conhecimento que as relações de gênero no local são desiguais, segundo M. S. relatou sobre o culto: “*Olhe a mulher lá não pode pregar, a mulher tem um altarzinho que é mais baixo e ela pode rezar ali e o outro mais alto que existe é pro homem.*”

Nos estudos preliminares pode-se observar a importância da religião para as mulheres da comunidade, embora o foco de nossas entrevistas fosse sempre as relações de trabalho, gênero e poder público.

A nossa compreensão de comunicação entre os órgãos governamentais através das políticas públicas, com a comunidade, parte do pressuposto de que estas só ocorrem se houver duas vias: a do entendimento do poder público das práticas sociais da

comunidade e seu contexto histórico, e a de um diálogo com as jovens locais para compreender as suas demandas e necessidades para melhoria da sua qualidade de vida. Nesse sentido, o trabalho de tradução cultural (Santos, 2002) é também necessário, pois uma vez que o poder público presente é da cidade de Caruaru, o seu olhar deve descortinar essa comunidade rural e suas particularidades, evitando um erro comum nas realizações das políticas públicas que é uma visão global e não local das suas demandas.

Realizamos as entrevistas para a pesquisa com doze mulheres que nasceram e nascidas e moram na comunidade, a agente de Saúde da comunidade – C.S. - e ainda com representantes da Gerência da Juventude de Caruaru – J. F. R. N e da Secretaria da Mulher de Caruaru – K. L. No quadro abaixo apresentamos o perfil das jovens moradoras entrevistadas:

Quadro I – Perfil de Entrevistadas moradoras locais

Atividades	Quantidade
Costura / Trabalho doméstico	06
Costura / Trabalho doméstico / Agricultura	01
Costura/ Estuda	02
Agricultora	02
Agricultora e comerciante	01

Consideramos para compreensão da configuração local, entrevistar as agricultoras, dentre elas, D. Severina, neta do fundador da comunidade. Os depoimentos dessas mulheres foram imprescindíveis para entendermos o processo da mudança de atividades de renda da agricultura para a costura. Também o conflito de identidade, no sentido de que algumas agricultoras resistem a troca da atividade e costureiras se identificam como agricultoras.

As estratégias metodológicas para realização dessas entrevistas foram qualitativas, com entrevista semi-estruturada e levantamento quantitativo de dados do censo local. A entrevista semi-estruturada, conforme Triviños (1987, p. 146), baseia seus questionamentos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Dessa forma, também novos questionamentos surgem a partir das informações recebidas dos pesquisados e conforme o autor, a entrevista semi-estruturada “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”.

Na leitura dos discursos das jovens nas entrevistas e dos representantes do poder público, nos remetemos também a Análise do Discurso (AD) na perspectiva de Eni Orlandi (2000), que afirma que a função desse método é:

(...) fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. (ORLANDI, 2000, 26)

Orlandi (2000) entende a AD não só como uma prática de interpretação, mas como uma forma de compreender os sentidos. A interpretação em um texto reflete o que o autor nos faz “ver” e a análise identifica o sentido que é intencionalmente criado para fazer “ver” algo que o autor deseja. Dessa forma, a AD oferece suporte para confrontar o discurso com a realidade (econômica, política, cultural e social) que se observa no local. Durante entrevista com M. S. a jovem nos afirmou que sua principal preocupação era com a educação dos filhos e que preferia que eles não trabalhassem, no entanto, quando perguntei se seu filho mais velho de onze anos de idade ajudava na costura, ela disse que sim. A partir de AD dessa entrevistada, percebemos a contradição, corroborando com a experiência que tivemos com as/os jovens durante as oficinas que realizamos com o grupo COMUDI no local em 2014. Muitos faltavam quando a produção de jeans estava em alta, para ajudar aos pais na costura. Observamos que existe uma naturalização do trabalho desses adolescentes na costura, que é encarado como uma “cultura” local.

No período em que trabalhamos com os adolescentes, perguntamos sobre a origem do nome da cidade e eles falavam que era por causa de uma Cachoeira que tem no local. Na entrevista com D. Severina, a moradora mais antiga e neta do fundador da cidade José Clemente de Souza – ela afirmou que *“É por causa de uma cachoeira que tem aqui - enche em época de chuva e noutros tempos vive seca. E como pouco chove, ela vive mais seca, né?”*. A agricultora nos contou que as chuvas diminuíram muito, mesmo no tempo dela quando havia seca, ainda era possível fazer uma roça para atender as suas necessidades básicas de alimentação.

Os dados populacionais de Cachoeira Seca, foram informados pela responsável do Posto de Saúde Local sendo o total de habitantes: 2.008, com 1036 do sexo feminino e 972 do sexo masculino.

Em relação a infraestrutura local, de acordo com o quadro II a seguir podemos observar:

Quadro II – Instituições locais na comunidade Cachoeira Seca

Instituições	Quantidade
Escola Municipal – ensino fundamental	01
Posto de Saúde	01
Igrejas Católicas	02
Templos Evangélicos	07
Praça	01
Clube com piscina	01

A Escola Municipal está distribuída em vários locais da comunidade, é uma demanda das entrevistadas locais a centralização do prédio. O Posto de Saúde também está alocado em uma casa alugada no fundo de uma igreja.

A praça não é ocupada pelas jovens locais porque “não fica bem” mulheres conversando na rua e também pela falta de segurança. A piscina é visitada mais por moradores da vizinhança, e as mulheres locais a maioria não frequenta. Segundo seus relatos, existe muitos “homens” de fora no local e elas não se sentem à vontade.

No sentido de compreendermos o contexto das atividades de renda realizadas na comunidade de Cachoeira Seca, apresentamos o mapa abaixo:



Imagem 1: Localização de Cachoeira Seca. Fonte: <http://www.roadonma>

A Comunidade Cachoeira Seca está localizada entre a área urbana de Caruaru e o município de Toritama. Dessa forma, a mão-de-obra local atende principalmente ao

município de Toritama, devido à proximidade geográfica e ao fato de que Caruaru também tem na sua periferia mão-de-obra suficiente que atendem à demanda local. Esses municípios juntamente com Santa Cruz de Capibaribe, segundo o SEBRAE (2013), são os principais produtores de peças têxteis do PCA – Pólo de Confeções do Agreste.

Os locais onde são realizadas as costuras, lavagem dos jeans, entre outros serviços são chamados de facções. De acordo com o SEBRAE (2013) as facções são unidades produtivas que realizam ações/tarefas que fazem parte do processo produtivo das confecções. Na comunidade essas instalações são encontradas em garagens ou fundos de quintais, onde ficam as máquinas de costura e as peças de jeans em rolos. Em alguns casos são alugados pequenos salões, pois segundo a entrevistada H. os tecidos soltam muito pó e a tinta prejudica a saúde das pessoas em casa.

A renda média segundo as entrevistadas é de aproximadamente 01 Salário mínimo/mês/pessoa, valor que varia entre R\$ 800,00 a R\$ 900,00. A baixa remuneração das costureiras subcontratadas das indústrias têxteis, segundo Jacob Carlos Lima (1999, p.122) deve-se entre outros fatores ao fato do ofício ser considerado desqualificado, pois é de fácil aprendizagem.

Na análise das políticas públicas presentes, temos como premissa a compreensão dessas políticas a partir da interseccionalidade entre gênero, juventude e desenvolvimento local. Nesse sentido, buscamos encontrar nessas políticas ações que beneficiem e atendam as demandas das jovens locais, identificando-as como jovens, mulheres, e moradoras em área classificada como rural e que trabalham com costura de jeans em seu domicílio. Outro ponto dessa interseccionalidade é investigarmos se essas políticas produzem práticas que colaboram com o desenvolvimento local.

A leitura interseccional surgiu nas últimas décadas, quando os estudos de gênero começaram a utilizar outras formas de diferenças como a etnia, a classe social ou a orientação sexual, ressaltando todas elas no sentido de compreender as desigualdades produzidas contra as mulheres. Alba Alonso (2010, p.1) afirma que embora essas desigualdades já fossem conceituadas (dupla discriminação, discriminação composta.) A expressão que mais se aproxima dessa análise é a interseccionalidade. Segundo Alonso (2010) o termo foi introduzido por Kimberlé Crenshaw para chamar a atenção para a existência de “vários eixos de desigualdade (raça, etnia, gênero, etc.) que, tal como avenidas numa grande cidade transcorrem de modo independente, contando, no

entanto, com múltiplas e variadas intersecções.”. Nesse sentido, coloca-se a necessidade de que as políticas públicas também sejam analisadas enxergando o conjunto dessas diferenças.

Alonso (2010, p.26) salienta que as políticas públicas se apresentam ou na forma de superinclusão – tratando o problema de um grupo específico como um problema geral ou de subinclusão, em que se trata um problema geral como se esse atingisse apenas um grupo específico. Dessa forma, as políticas públicas se tornam reducionistas, não levando em consideração a “experiência de indivíduos que se encontram na intersecção de vários grupos.”. A presente pesquisa, portanto, vem apresentar demandas de inclusão/integração das jovens mulheres rurais de Cachoeira Seca, frente as intersecções existentes, ou não, nas políticas públicas desenvolvidas para 1) jovens 2) mulheres rurais; 3) trabalho.

2. Diálogos conceituais: interpretando dados da pesquisa

2.1. Juventude Rural e Gênero

Pensar na juventude, ou no *ser jovem* na modernidade, remete para a compreensão da pluralidade na construção das identidades. Com os recentes processos de globalização, as mudanças e a dinâmica das relações no mundo social se tornaram mais rápidas e complexas influenciando nessa construção. Stuart Hall (2006) entende que acontece uma fragmentação da identidade, resultante da diversidade e das desigualdades sociais.

Da pressa do existir/acontecer no tempo/espaço emerge uma diversificação de grupos e campos sociais que requer do sujeito um desempenho de vários papéis, exigindo que ele (des)construa identidades que dêem conta das suas representações e papéis na sociedade.

É neste caleidoscópio cultural e social, em que os diferentes grupos se (re)produzem, a partir das identidades construídas em que um mesmo sujeito desempenha vários papéis, que vamos de encontro as jovens rurais de Cachoeira Seca.

As jovens da comunidade são na sua maioria costureiras, se identificam como jovens rurais e o local de compras e diversão é o centro de Caruaru. Para M.S. “*A mulher daqui quando quer sair vai pra Caruaru. Não tem nada, a gente as vezes leva um grupo de jovens pro shopping, porque aqui não tem nada... nem pra criança tem.*”.

O modelo hegemônico tanto de trabalho como de diversão parte do centro comercial de Caruaru, ter uma barraca na feira de Caruaru faz parte dos sonhos das moradoras locais, pois afirmam que o fato de serem trabalhadoras informais deixa o futuro incerto para elas em relação a aposentadoria.

Com as dinâmicas e complexidades sociais da modernidade, o papel do *ser jovem* também se torna mais difícil. Norbert Elias (1994) nos remete a não pensarmos em uma sociedade separada do indivíduo e vice-versa, pois quaisquer transformações no indivíduo conseqüentemente resultarão em transformações nos campos sociais e quaisquer mudanças no mundo social acarretarão mudanças no indivíduo. Estes jogos de espelhos e reflexos entre sociedade e indivíduo são processos ou estágios sociais (Elias, 1994). Em sua análise sobre as passagens dos estágios do indivíduo na sociedade - de criança para o ser adulto – Elias (1994) indica que o jovem não é preparado para esta mudança de estágio:

Entre a vida nas reservas juvenis e no campo bastante restrito e especializado do trabalho adulto, raramente existe uma verdadeira continuidade. Muitas vezes, a transição entre os dois é uma ruptura brusca. (...) ele vive numa espécie de ilha afortunada de juventude e sonhos que marca um curioso contraste com a vida que o espera como adulto. (ELIAS, 1994, 33)

Este contraste ocorre a partir das pressões sociais sobre o indivíduo jovem em relação à construção da sua vida adulta. A/o jovem sofre um processo de controle dos seus instintos e de limitações das suas práticas e vontades a partir de uma regulação e controle social, que pretende desabilitar a sua rebeldia e, logo, a sua criatividade, características que de um ponto de vista macro poderiam ser danosas para a vida em sociedade.

Elisa Guaraná de Castro (2006) afirma que o ser “jovem rural” no Brasil já o coloca num lugar de submissão hierárquica social e ser “jovem mulher rural” compreende ocupar um espaço de inferioridade nessa hierarquia. Isso ocorre, no sentido em que as relações de gênero implicam nas relações de poder, nas práticas sociais, políticas, econômicas e nos modelos concebidos pela sociedade.

Para Joan W. Scott (1990) o conceito de gênero surgiu em oposição ao determinismo relacionado aos sexos, dando-lhe uma conotação definitivamente social. Porém, a autora vai além, afirmando que gênero implica no conhecimento referente às diferenças sexuais, conhecimento este suscitado a partir da compreensão dos processos

culturais e sociais que ocorrem nas relações de poder, principalmente no campo do trabalho. Ressalta ainda a autora que o conceito de gênero não é útil apenas para a história das mulheres, mas também à história, pois se trata de um campo importante para realçar os estudos das desigualdades sociais e de suas diferenças.

Dessa forma, a nossa compreensão sobre as relações de poder entre homens e mulheres na comunidade de Cachoeira Seca implica, também, na visualização das desigualdades existentes historicamente entre gêneros.

No rural nordestino predomina a cultura patriarcal, onde os homens são os chefes da família. O trabalho da mulher tem menor valor, e assim é tido como menos importante que o do homem. Na comunidade de Cachoeira Seca, o trabalho de costura do jeans é realizado por homens e mulheres, de acordo com as entrevistadas, no entanto a mulher tem uma dupla jornada de trabalho na sua própria casa.

Durante as entrevistas observamos que além de costureiras e donas de casa, ainda dependendo das condições climáticas elas trabalham na agricultura. Nesse caso, compreendemos que pode existir uma tripla jornada de trabalho na vida dessas mulheres.

2.2. O Rural e o Urbano

Ao buscarmos uma leitura do que seja o rural na contemporaneidade, não podemos dar conta do conceito apenas pensando nesse espaço como um local em que a atividade principal é a produção agrícola ou que só existam culturas tradicionais.

O Sociólogo Max Weber (1974) analisava as influências do capitalismo na sociedade rural da Alemanha, realizando uma comparação com os Estados Unidos. A partir dessa leitura percebemos que existem particularidades em cada espaço rural no confronto entre o capitalismo e o espaço rural tradicional. Este processo resulta em disposições históricas no comportamento dessas relações. Neste sentido, Weber (1974, 413) atenta que não existe limites distintos entre o urbano e o rural, pois “não existe uma sociedade rural separada da comunidade urbana social, no presente, em grande parte do mundo civilizado”.

Siqueira e Osório (2001, 71) realizaram um recorte histórico, para formular um conceito sobre o rural. Partindo de pressupostos socioculturais, os autores afirmam que embora Karl Marx, Max Weber e Emily Durkheim expliquem de formas diferentes, todos chegam a um entendimento de que “com o desenvolvimento histórico as

sociedades e as culturas foram progressivamente se tornando mais diferenciadas.”. Dessa forma, a diferenciação, para Siqueira e Osório, acontece não apenas pelo conjunto de fenômenos sociais que ocorrem e se desenvolvem através do tempo, mas também nos processos de relações sociais através da dialética e da diacronia. De outra forma, a diferenciação é um processo cultural, que resulta nas várias formas de ver e classificar a realidade.

Essas formas de enxergar e categorizar a realidade são construídas socialmente, e é a partir da diferenciação que se pode conhecer o que é o rural. Siqueira e Osório (2001) compreendem que distinguir o rural do urbano na Idade Média era irrelevante, pois os indivíduos plantavam para seu sustento em sua comunidade feudal e as cidades eram locais de referência para comercialização de mercadorias e para os santuários. As fronteiras entre o rural e o urbano se rompem com o advento da Revolução industrial, que modificam os processos de produção com a elevação do capitalismo industrial sobrepondo-se à comercialização.

O espaço rural ainda no início da Revolução Industrial se torna também um espaço industrial, devido ao uso de animais ou de recursos naturais que serviam para prover movimento às máquinas. Com a chegada da energia gerada pelo vapor, as indústrias se instalam nos centros urbanos, com o que para José Graziano (apud Siqueira e Osório, 2001, 73). “consuma-se a separação entre cidade e campo”.

Siqueira e Osório (2001) encontram em Aldo Solari (1979) a definição do rural tendo como base a estrutura econômica, onde a atividade principal exercida no espaço rural é a produção de alimentos através da agricultura e criação de animais. As diferenças sobre o urbano se estendem em relação aos modos de vida, a forma de lidar com a natureza e com os seres vivos. Outro aspecto apresentado está no tamanho das comunidades, que Siqueira e Osório (2001, p. 73) ressaltam, seriam menores e “sua população mais homogênea que a urbana, cultural e socialmente.”. Outro fator seria a complexidade, uma vez que para os autores o rural seria menos complexo que o urbano. Ao nos remetermos à comunidade de Cachoeira Seca, observamos que a atividade econômica principal não é a agrícola, pois o sustento das casas ocorre pela costura dos jeans atendendo a demanda do PCA – Pólo de Confeções do Agreste, principalmente Toritama.

Dessa forma, um aspecto interessante que encontramos na comunidade de Cachoeira Seca deve-se a região ser designada pelo município de Caruaru como “rural”. Em nossa investigação observamos que próximo à comunidade existe um assentamento

também chamado de Cachoeira Seca, e que segundos relatos, devido à escassez de água as mulheres locais também trabalham com costura.

Maria Nazareth Wanderley Baudel (2000, p.92) indica que houve uma inversão histórica sobre o rural, ou seja, se antes existia uma dependência urbana do rural, o processo de urbanização “muda de intensidade e forma” e aumentam as punções sobre o meio rural – que afetam, inclusive, os próprios sistemas de produção e de comercialização”. Dessa forma, diante das investigações e entrevistas realizadas podemos entender que as atividades de geração de renda realizadas na comunidade Cachoeira Seca, podem ser resultados desses processos de urbanização dentro do rural. Porém, esses processos acontecem por necessidade de sobrevivência, como nos disse M.C.: *“Também não tem inverno suficiente pra nós drenar a zona rural, né? Aí tem que trabalhar com o jeans, a solução da gente é o jeans. Se não fosse, nós tava pedindo esmola e nem esmola nós não ganhava, não tinha quem desse.”* A entrevistada M.C. era trabalhadora rural, passou a costurar para sobreviver, no entanto, ela é agricultora sindicalizada.

O SEBRAE realizou uma pesquisa a partir da aplicação de questionários e entrevistas com os empresários da região que gerou um relatório intitulado “Estudo Econômico do Arranjo Produtivo Local de Confecções do Agreste de 2012”. Nessa pesquisa constatamos que de acordo com o discurso dos empresários de Toritama, quando a demanda é grande, apesar dos trabalhadores terem conquistado ganhos salariais, não há mão de obra suficiente no local. Dessa forma, eles têm como principal estratégia contratar as pequenas facções na zona rural dos municípios vizinhos.

Diante da observação de que o trabalho realizado pelos jovens e pelas jovens rurais da comunidade Cachoeira Seca gera a base econômica local, podemos afirmar que essas atividades fortalecem o desenvolvimento local? O entendimento do que seja desenvolvimento local e a reflexão desse tema, leva as diversas leituras, apresentadas a seguir.

2.3. Desenvolvimento Local e Gênero

Para compreendermos se os processos de geração de renda em Cachoeira Seca, realizada pelas jovens locais, podem ser entendidos como atividades que colaboram com o desenvolvimento local, realizamos uma leitura do tema a partir dos autores: Paulo de Jesus, Francisco Oliveira e Silvio Caccia Bava.

Paulo de Jesus (2003) entende que desenvolvimento é um processo que causa ou promove mudanças. Nessa perspectiva, podemos observar algumas questões que possam caracterizar este conceito, tais como:

- Quais as características das mudanças em um processo de desenvolvimento? Nessa questão, pode-se dar margem à distinção entre crescimento econômico e desenvolvimento, pois só há desenvolvimento quando as mudanças contemplam um número maior de pessoas;
- Como ocorrem os processos de desenvolvimento? Essa questão possibilita considerações sobre quando o desenvolvimento ocorre de iniciativas endógenas (locais) ou exógenas (globais).

Nesse sentido, identificamos que o desenvolvimento na comunidade de Cachoeira Seca ocorre de uma forma exógena, pois o trabalho das costureiras são demandas das fábricas têxteis de Toritama, que terceirizam as atividades e não oferecem nenhum benefício ao local.

A partir dessa perspectiva, De Jesus (2003) nos leva a uma discussão crítica sob duas formas distintas: a) nova governabilidade e b) desenvolvimento alternativo.

A nova governabilidade significa uma forma de implementação de políticas públicas no sentido vertical, caracterizando a não presença das entidades locais em sua construção. Apesar de receber o nome de desenvolvimento local, ela não visa a atender as demandas das comunidades locais, mas a legitimar a centralização do poder no Estado.

O desenvolvimento alternativo parte da idéia de Boaventura de Sousa Santos, que propõe a partir das epistemologias do Sul uma afirmação do local sobre o global, contrapondo ao desenvolvimento dominante – do ocidente – que universaliza seu modelo sobrepondo o local.

De Jesus (2003) contempla principalmente a forma de desenvolvimento alternativo, como via de desenvolvimento local que atenda à demanda social e econômica das comunidades. Dessa forma, ao pensarmos em desenvolvimento local, compreendemos que para o autor, ele só ocorre se os seus processos resultarem principalmente em inclusão social. E ainda, se as políticas públicas e/ou privadas forem construídas a partir do capital social e humano local, a fim de que essa relação seja

horizontal e não, da forma tradicional, que é a de produção de políticas de cima para baixo – do Estado para o local.

Francisco de Oliveira (2001) nos traz pistas para compreendermos as diversas formas, práticas e usos conceituais. Inicialmente Oliveira (2001) prefere não se ater às raízes etimológicas do termo *desenvolvimento*, mas ao seu uso mais frequente. Para o autor, este termo está ligado ao desenvolvimento econômico, que teve seu auge em décadas passadas e que foi reescrito pelo *discurso dominante* como *crescimento*. Oliveira (2001, p.12) afirma que a reescrita ocorre pois:

Evita-se, assim, uma certa impregnação qualitativa da noção anterior; uma vez mais, a disputa do campo semântico apresenta-se como uma arena da política e da hegemonia ideológica que não se pode desconhecer. Há já algum tempo, a ONU vem tentando recuperar a carga semântica do termo, com o índice de desenvolvimento humano, no qual as dimensões qualitativas adquirem dominância.

Segundo o autor, o Desenvolvimento Local pode ser entendido a partir da noção de desenvolvimento humano visto pela Organização das Nações Unidas/ ONU atendendo aos requisitos de satisfação, bem-estar e qualidade de vida. Apesar da aproximação de uma definição de desenvolvimento local sob os moldes da ONU, Oliveira (2001, p.12) afirma não ser suficiente, pois outros aspectos devem ser levados em conta.

Em primeiro lugar, o conceito de subdesenvolvimento nos leva a um aspecto histórico local, dessa forma o autor afirma que o *não-desenvolvimento local é um subdesenvolvimento no sentido forte de que ele é peculiar à periferia do capitalismo*. Esse processo, para o autor, resulta em conseqüências teóricas e práticas, entendendo que o desenvolvimento local não pode estar relacionado a uma cadeia de desenvolvimento global e ainda que deve ser realizado como alternativa, evitando tornar-se uma reprodução da forma estrutural.

Outro aspecto relevante é que a noção de desenvolvimento local como qualidade deve estar ligada a cidadania, a fim de evitar uma visão economicista, que reduz o seu significado a uma acumulação de bem-estar e qualidade de vida. Dessa forma, o autor afirma que a cidadania que pode mensurar a qualidade de vida e o bem-estar resulta da força política de indivíduos autônomos, críticos e reflexivos, diferente do indivíduo-massa. Para Oliveira (2001), esta cidadania gera conflitos, enquanto que a cidadania defendida pelo neoliberalismo produz a ideia da harmonia e paz social. O Desenvolvimento Local a partir dessa leitura, segundo o autor, surge com um discurso

alternativo, como algo que acalmará e solucionará os problemas e conflitos sociais. Para Oliveira (2001, p.14), o desenvolvimento local é:

[...] uma noção polissêmica, e necessariamente comporta tantas quantas sejam as dimensões em que se exerce a cidadania; qualquer tentativa, pois, de transformá-la em modelos paradigmáticos, está fadada ao fracasso.

Dessa forma, o autor indica também que não existe um significado do que seja desenvolvimento local, um conceito fechado, pois existem dimensões a ser analisadas tanto no sentido da cidadania, a partir da participação política dos atores envolvidos, quanto no sentido de diferente do que é pregado como um espaço de paz e harmonia, ser um espaço de conflitos e lutas de classes.

Na leitura de Silvio Caccia Bava (2004), o desenvolvimento local sustentável segue uma direção antagônica ao desenvolvimento dominante. Observamos que se para Oliveira (2001) existe uma mudança de nomenclatura do desenvolvimento econômico para crescimento, Bava defende que eles se confundem.

Para Bava (2004) mesmo sem o crescimento econômico, as grandes corporações e empresas do setor financeiro apresentam êxitos nas suas atividades. O motivo apresentado pelo autor é que esse processo ocorre internacionalmente, e ainda, penaliza os países do Sul.

Dessa forma, Bava (2004, p.110) entende que as políticas públicas favorecem a concentração de renda no Estado : “[...] cada vez mais, afasta-se da defesa do interesse público e é capturado pela lógica do modelo de globalização, modelo que opera em todas as escalas – internacional, nacional e local.” Nesse sentido, o autor, diante da ideia de que o desenvolvimento local sustentável é um movimento contra hegemônico, deixa uma questão: como queremos esse desenvolvimento? Propõe uma resposta provisória que se baseia em três critérios para o desejado desenvolvimento: que ele beneficie a maioria das pessoas; que realize uma distribuição de renda e que seja um projeto identificado pela demanda da população e sustentado por ela.

Nessas leituras observamos que os autores deixam claro que o desenvolvimento local aparece como uma alternativa e não como uma continuidade do sistema econômico vigente. No entanto, se pensarmos como movimento contra hegemônico, essa forma de organização de sustento (qualidade de vida, geração de renda) local, o termo *desenvolvimento* precisa ser repensado, no sentido de contrapor a racionalidade regulada e controlada pelo Estado e pelas Instituições capitalistas. Não cabe mais

insistir em um desenvolvimento sustentado por um significado que indica que algo é desenvolvido a partir de parâmetros / limites / pontuações advindas da própria lógica capitalista que permite hierarquizar distintas culturas a partir de uma cultura global.

No sentido de analisarmos o desenvolvimento local na comunidade Cachoeira Seca, identificamos a importância do trabalho a domicílio realizado pelas costureiras para a indústria têxtil. Elaine Maurício Bezerra (2001, p.19) indica que o trabalho a domicílio “[...] diz respeito a uma atividade realizada dentro do ambiente familiar, de forma remunerada, inserida no contexto das relações de trabalho enquanto uma forma de subcontratação.”. No caso das costureiras da Comunidade Cachoeira Seca, observamos o acúmulo de trabalho – costura e atividades domésticas.

As características principais do trabalho realizado para o Pólo de Confecções do Agreste, segundo Roberto Vêras de Oliveira (2011, p.13) é "predominantemente familiar, domiciliar e informal e o trabalho, precário" , na precariedade prevalece a ausência de direitos trabalhistas resultando em alta carga de trabalho.

Na entrevista com a costureira M.C. ela nos conta que trabalha na informalidade, sem direitos e nem benefícios. Quando lhe perguntei como era seu dia, ela disse que *“Amanheceu o dia, clareou, tem trabalho eu já to na “estaca”. Nós trabalha de cozinha, costurando e quando não é costurando e é inverno, trabalha na agricultura. Cinco horas da manhã eu já to no mundo, de um lado ou de outro.”*

De acordo com os dados relatados pela costureira, ela inicia seu trabalho às sete horas da manhã, as onze e meia vai para casa fazer o almoço, serve os filhos e volta para o trabalho as treze horas. Ao ser indagada sobre a hora do término da jornada, ela disse que não tem hora para acabar, geralmente encerra as vinte e duas horas dependendo da demanda. As costureiras locais, segundo seus relatos, trabalham em média doze a catorze horas por dia. Apesar de laborar cerca de noventa horas por semana, sem contarmos os sábados e domingos, a costureira M.C. afirma que se não fosse a costura morreria de fome.

Diante das análises das entrevistas, condições de vida e trabalho locais, compreendemos que as atividades desempenhadas pelas jovens mulheres costureiras e/ou agricultoras da comunidade, não condizem com as perspectivas ou características de um desenvolvimento local. Observamos que a comunidade está a serviço dos empresários e das indústrias que compõem o PCA, pois além de jornadas de labor extensas têm problemas de saúde devido ao tipo de trabalho realizado.

As doenças citadas pelas entrevistadas foram: dores na coluna devido a posição no trabalho e problemas no sistema respiratório. No entanto, segundo relatório do programa Saúde no Campo, cedido pelo Gerente da Juventude Francisco Neto – os principais problemas na comunidade são de saúde mental, transtorno causado por álcool e outras drogas. Em relação a saúde mental, foi encontrado um grande número de mulheres com sinais de depressão, o grupo que realiza o trabalho ainda não tem os resultados das causas. Porém, há pistas que estejam relacionadas a jornada dupla de trabalho – doméstico e domicílio - e a ausência de espaços de lazer para as mulheres.

Outro fator que não foi elencado pelo grupo como causa, seria a não adaptação da atividade da costura por algumas agricultoras. Como por exemplo a agricultora Z. S. que começou a trabalhar aos três anos de idade e admite que *“A gente assim, nunca esquece o jeito dos pai da gente não, a gente cresce tudo na roça. Nasci e me criei dentro da roça junto com meus pai. Meu pai tá com 90 anos e ainda hoje ele reclama que não pode ir mais pro roçado. Aí pronto, a gente seguiu o ritmo dele e aí não tem jeito.”*

2.4. Políticas Públicas – Presenças e Ausências

Para introduzirmos à análise das principais políticas públicas presentes/ausentes na comunidade de Cachoeira Seca, nos remetemos Maria das Graças Ruas (2009, p.19) que afirma ser necessário compreendermos a diferença entre “decisão política” e “política pública”:

Política pública geralmente envolve mais do que uma decisão e requer diversas ações estrategicamente selecionadas para implementar as decisões tomadas. Decisão política corresponde a uma escolha dentre um conjunto de possíveis alternativas, conforme a hierarquia das preferências dos atores envolvidos, expressando – em maior ou menor grau – uma certa adequação entre os fins pretendidos e os meios disponíveis. (RUAS, 2009, 9)

A autora comenta também que as políticas públicas, apesar de agirem sobre esferas particulares como família, mercado, religião ou ainda, mesmo tendo a participação de entidades privadas na sua formulação continuam a ser públicas. Isso ocorre porque o poder de decisão está nas mãos dos órgãos governamentais.

Na comunidade de Cachoeira Seca, pelas entrevistas das mulheres locais, compreendemos que as suas principais demandas são: Lazer, Educação e Saúde. Dentro das configurações apresentadas na metodologia, encontramos os aparelhos existentes no

local, no entanto, damos voz as entrevistadas para identificar as ausências/presenças dessas políticas públicas.

Para A.P. a principal demanda é uma creche, seguida de um local adequado para sair com a família: *“Uma creche era bom aqui, pra botar as criança né. Porque tem muita mãe aqui que precisa trabalhar e a pessoa que trabalha período integral tem que ter uma creche boa, né? Que fique com as criança e que olhe as crianças.”* A costureira tem uma criança pequena, por isso trabalha pouco, pois dá prioridade a criação do filho.

A entrevistada M.C. também citou a necessidade de creche no local, e quando questionei sobre o que falta em Cachoeira Seca para atender às suas necessidades: *“Colégio, posto de saúde, uma creche. Segurança, porque tudo que acontece aqui é do povo de fora porque não tem segurança.”* Sobre a educação ela afirmou que *“Nós não tem escola! É tudo prédio alugado, posto alugado, não é nada da gente, não. Os ônibus que sai e a comunidade tão grande como o professor vendo, não tem nada pra gente de benefício, né. Tenho 48 e nunca vi um benefício público aqui, não...e é você sabe, só tem garagem alugada, mas não faz nada pelo povo. Só faz chegar aqui e prometer, de quatro e quatro anos só aparece e eles promete.”*

No que tange a demanda de creches pelas mães da comunidade Cachoeira Seca, ressalta-se que de acordo com o artigo 7º. que assume os direitos dos trabalhadores rurais e urbanos assegura a *“XXV - assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em creches e pré-escolas”*. No entanto, os direitos a categoria trabalhadores está vinculado a formalidade, ou seja, carteira assinada ou no caso de avulsos, integrados a algum sindicato. As mulheres da comunidade não estão incluídas nestas categorias, portanto como trabalhadoras informais, não detém o direito a creche. Além de atentar para a exclusão dessas mulheres na constituição brasileira, pelo trabalho informal, deve-se olhar também para a questão dessa nova necessidade que surge – creches para mães que realizam trabalho no domicílio.

A entrevistada H.S. é filha de agricultores, mas nunca trabalhou na agricultura. Ela conta que começou cedo na sulanca, quando as “pessoas” de Toritama começaram a oferecer trabalho de porta em porta. Os principais problemas que ela observa na comunidade está relacionado a saúde: *“Tenho, dores nas costas por causa do trabalho. O posto de saúde melhorou de uns dois anos pra cá, mas precisa melhorar muito ainda”*. Em relação ao lazer, ela respondeu que: *“Aqui o lazer é muito pouco. Tem*

pouco tempo, é se juntar com os amigos, bater um papo. Porque aqui não tem nada. Lugar não tem, não tem cinema, não tem nada. Só em Caruaru, fora.”

Conforme podemos observar nas fotos a seguir, as facções na sua maioria estão instaladas nas residências, o que colabora com o acúmulo da jornada de trabalho:



Figura 1.: Facção em Cachoeira Seca

Os problemas de saúde relatados estão ligados principalmente a longas horas sentada e a postura (dores na coluna) e alergias devido ao pó do jeans.

A entrevistada Z.S. criticou a forma como o programa Bolsa Família é realizado na região, segundo ela: “Eu fui umas três vez e não consegui de jeito nenhum. Eu saía de madrugada, pra Bolsa Família que era lá embaixo. ..longe. E quando chegava lá o que acontecia, aqueles que tinha condição conseguia e eu não conseguia. Depois eu falei assim, sabe de uma coisa, vou mais não. A pessoa não tem dinheiro, passa o dia sem tomar café...sem almoçar... e ainda não consegue, fui mais não. Aí veio uma moça aqui, eu tava na casa de meu irmão, e quando cheguei ela tava me esperando. Fez uma entrevista, perguntou se eu tinha televisão, eu disse não, se cozinhava com gás...eu até tenho um botijão de gás, mas eu queimo mais lenha...eu sei que ela disse que eu tinha que ter bolsa família e perguntou por que eu desisti. Aí eu falei, quem tomava conta do posto era J. e ele só botava quem ele queria, aí ela anotou no papel : Urgente! Aí eu fui lá de novo e fiz. Olhe minha fia, a gente aqui vive pela misericórdia. Olhe o governo é bom, mas é uma pena que não tem como ir de casa em casa pra vê quem tá precisando. Porque o governo faz, mas ele não tá sabendo as condição, mas quem tem é quem

fica...e quem não tem conhecimento, não tem nada. Agora isso é bolsa, é água é tudinho. Chega água aqui, cadê que eles dão pra quem não tem condição... agora quem pode pagar 230 conto por um caminhão d'água? Quem tem? Ninguém tem... olhe se você vê o meu canequinho pra tomar banho, porque eu não posso comprar água...vou fazer o quê? Eu consegui o Bolsa Família porque a moça veio aqui, aí deu uma ajudinha, aí dá pra ir levando...Agora precisa de uma fiscalização, porque tem gente dono de facção, com carro na garagem que recebe bolsa família e quem precisa não recebe. Porque aqui é diferente, os que tem é que consegue tudo e os que não tem ...eu consegui porque a moça veio aqui.”

Segundo o levantamento que realizamos no local, o único programa vigente que atende especificamente a mulheres, encontra-se no Posto de Saúde da comunidade, o programa Saúde da Mulher. Segundo a entrevistada M.S. que está grávida, são realizadas palestras num rito de preparação da mulher para o parto.

A escassez de transporte foi relatado pela agente de saúde C.S., no sentido de oferecer oportunidades aos jovens para dar continuidade aos estudos. Ela nos informa que “... até o terceiro ano do ensino médio existe transporte garantido, mas aquele jovem que quer seguir adiante, fazer uma faculdade, ele se frustra. Porque a maioria das faculdades que consegue é particular, aí além de pagar, não tem transporte. Ele pode pegar o transporte de ida no ônibus que traz os meninos do ensino médio, mas quando eles largam – as 10 horas da noite – não tem transporte pra trazer ele de volta. O que acontece, o jovem vê essa dificuldade e olha, não dá. E tem aqueles que nem estudam o segundo grau, porque os pais costumam e eles olham que a mãe não precisou estudar e ganha dinheiro, então pra que estudar? Agora, por incrível que pareça, quem corre mais atrás dos estudos são as mulheres.”

C. S., além de agente do posto de saúde local também é presidente da Associação das Mulheres de Cachoeira Seca, que segundo ela, ainda está em estágio embrionário. A entidade foi criada porque as mulheres não têm força política na comunidade, quem o poder político se encontra nas mãos dos homens. Dessa forma ela entende que “As políticas públicas que existem não veem as necessidades da mulher, né? Até os governantes mesmo quando vão aprovar projetos, os projetos são para o todo, mas não especificamente para a mulher. Assim, aqui em Cachoeira Seca a gente vê a necessidade de melhoria de vida das mulheres, são elas que trabalham mais aqui do que os homens... as mulheres estudam mais do que os homens ... elas conseguem fazer curso superior mais do que os homens ... então, as mulheres são mais ousadas.

Mas politicamente... as políticas são mais voltadas pra o homem, né?” Quando a indaguei qual o propósito principal da associação ela relatou que: “O pensamento foi a melhoria da vida mulher e da comunidade. Porque a mulher é assim, quando ela vai fazer uma coisa ela pensa nos filhos, no marido, no pai na mãe... diferente do homem, que centra mais nele. Então quando a mulher conquista a comunidade toda também conquista.”

Sobre o lazer, C.S. dá ênfase ao machismo local, ela dá como exemplo que em Cachoeira Seca só tem lazer para os homens: barzinhos, campo de futebol, piscina. Existe um preconceito, segundo ela, que “não fica bem” as mulheres locais frequentarem esses locais. Dessa forma, as mulheres locais quando procuram lazer vão para Caruaru, porque lá ninguém conhece, então a mulher pode entrar no bar com uma amiga e não acontece nada.

Em relação a violência doméstica, C. S. alerta que existe a violência, mas ela é mascarada. A mulher leva pancadas do marido, mas não quer *largar* dele. Os vizinhos comentam, mas não existe nenhum programa local para atender ou alertar essas mulheres sobre os perigos da violência.

Embora haja um avanço na constituição brasileira em relação aos crimes contra a mulher, a partir do ano 2006 quando foi sancionada a Lei 11.340 também conhecida como Lei Maria da Penha e recentemente com a Lei 13.504/2015 do feminicídio, ainda necessitam-se de avanços no âmbito das políticas de empoderamento das mulheres.

Segundo o Mapa da Violência 2015, em Pernambuco aconteceram 5,5 homicídios contra mulheres a cada 100.000 habitantes. Em relação a atendimentos pelo SUS – Sistema Único de Saúde por causa de violências domésticas, sexuais ou outras, o número de mulheres atendidas no ano 2014 em Pernambuco foi de 7.970 mulheres – uma média de 16,4/10.000. Comparando com o total de atendimentos a pessoas do sexo masculino pela mesma causa, chega a um percentual de 161% para as mulheres em relação aos homens.

A gravidez na adolescência na comunidade é comum, com catorze e dezesseis anos as meninas e os meninos querem formar família. Segundo C.S. : *“Com quinze anos elas já alcançam a independência financeira e aí se juntam com os meninos”*.

De acordo com a Gerência da Juventude de Caruaru, as políticas públicas que são oferecidas para as/os jovens rurais, fazem a leitura do todo. Dessa forma, não existe uma especificação de gênero, como por exemplo os cursos de informática que são oferecidos pela Secretaria da Educação, Tecnologia e Esportes através da gerência da

juventude. Os programas e aplicativos ensinados na escola local, também não trabalham a questão de gênero, o que colabora com a legitimação do machismo no local. Outro ponto levantado pela Gerência está relacionado a uma tendência das/dos jovens, com exceção do assentamento Normandia, em não querer mais trabalhar com a agricultura. Elas/eles vêm na costura uma forma mais rápida de adquirir seus desejos de consumo, como comprar uma motocicleta, por exemplo.

Dessa forma, observa-se que as políticas públicas na comunidade Cachoeira Seca estão mais ausentes que presentes, no sentido de visibilizar as mulheres locais. Para a representante da Secretaria da Mulher em Caruaru, quando levantada a questão das mulheres da comunidade de Cachoeira Seca foi afirmado que : *“Temos muito o que avançar naquela área.”*.

3. Conclusões

Nessa pesquisa conclui-se que quando perguntamos se as políticas públicas e programas de governo atendem a demanda das jovens mulheres da comunidade de Cachoeira Seca, a partir do discurso delas, compreendemos que existe muitas lacunas a serem preenchidas. As suas demandas não são reivindicadas ao poder público municipal, pois não existe um canal de comunicação entre a comunidade e esse poder. Durante as entrevistas e demais trabalhos de campo, pode-se observar poucas mulheres transitando pelas ruas. As atividades realizadas por essas jovens rurais ocupam grande parte do seu tempo, conforme pode-se constatar nas entrevistas, cerca de noventa horas por semana.

Diante do estudo realizado, novos problemas e análises surgiram que resultarão em artigos futuros e continuidade no doutorado. Elencamos as seguintes questões:

1. A relação trabalho doméstico e trabalho em domicílio das mulheres;
2. A ausência de empoderamento da mulher na comunidade, apesar dela trabalhar mais que os homens, eles detêm o poder de decisão no lar;
3. A relação do crescimento do PCA – Pólo de confecções do Agreste e o trabalho precário nas facções, realizado principalmente por mulheres na informalidade;
4. Analisar por que as jovens e os jovens da comunidade se casam cedo, a partir das pistas de que eles conquistam a independência financeira precocemente;

5. A resistência das agricultoras em relação ao trabalho nas facções da comunidade.

Esses cinco temas são apenas uma amostra do que podemos levar adiante nos estudos sobre comunidades rurais que têm em suas configurações locais, o trabalho informal de jovens mulheres no entorno do PCA.

Também é importante ressaltar que, segundo relatos nas entrevistas, a presença dessa mesma categoria de trabalho no assentamento vizinho a comunidade, ainda não confirmada devido ao local não fazer parte do locus dessa pesquisa.

A análise interseccional das políticas públicas nesse trabalho composto por gênero, juventude e desenvolvimento local, conclui que o poder público municipal não dá conta no atendimento das demandas desse grupo de *jovens mulheres trabalhadoras rurais de Cachoeira Seca*.

Em relação a principal atividade da comunidade – a costura – observamos que estas mulheres estão invisíveis na cadeia produtora do PCA – Pólo de confecções do Agreste. Trabalham na informalidade, realizam jornadas longas, pois recebem por produção, e são privadas de direitos trabalhistas. Em contrapartida, as empresas contratantes estão isentas do custo dos impostos contratuais, de aluguéis, de pagamentos de planos de assistência médica, alimentar, entre outros.

A partir das respostas das jovens mulheres de Cachoeira Seca e dos representantes do poder municipal entrevistados, compreendemos que a comunicação entre o poder público local e esse grupo ocorre no sentido global para local. As demandas locais não coincidem com as políticas públicas que são oferecidas, pois partem de uma visão do todo sem considerar as partes. De outra forma, é necessário um avanço na produção de políticas públicas com respeito a diversidade, e as desigualdades que residem nos locais.

A análise de políticas públicas sob a perspectiva da interseccionalidade nessa pesquisa, enriquece a prática do olhar as desigualdades e as formas de exclusão sofridas pelos sujeitos sociais – neste caso – mulheres rurais que trabalham na costura inseridas no processo de produção do PCA e invisíveis no que tange os direitos sociais.

A prática de epistemologias que consideram a diversidade cultural, as configurações sociais locais, o discurso e a relação de trocas de saberes com as

comunidades pesquisadas, entre outras, talvez seja uma gênese para uma nova relação entre a academia e a comunidade, sabendo-se assim como a universidade ocupa a comunidade, o inverso deveria ocorrer. Neste sentido, não devem ser percebidas como espaços de interesses antagônicos ou de saberes com valores diferentes – mas como espaços de trocas no qual um saber não prevalece sobre o outro.

4. Referências

ALONSO, Alba. A Introdução da Interseccionalidade em Portugal: Repensar as Políticas de igualdade (s). **Revista Crítica de Ciências Sociais**. V. 90 – 2010 – p.25 a 43.

ABRAMO, Helena W. **Considerações sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil**. **Revista Brasileira de Educação**. V. 5 – 1997 – p.25 a 36.

BAVA, Silvio Caccia. **Tecnologia Social e Desenvolvimento Local**. Disponível em <http://www.polis.org.br/uploads/1522/1522.pdf> .

BEZERRA, Elaine M. **O Trabalho a Domicílio das Mulheres do Cariri Paraibano no Pólo de Confeções do Agreste de Pernambuco**. 2001.150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 11ª. Edição, 2002.

BRASIL. Constituição, 1988.

CARNEIRO, M.J. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**. In: Silva, F.C.T.; Santos, R.; Costa, L.F.C. (Org.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Processos de Construção da Categoria Juventude Rural Como Ator Político: participação, organização e identidade social**. Disponível em http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2010/Elisa%20Guaran%C3%A1%20de%20Castro.pdf acessado em 10/10/2014.

CRENSHAW, Kimbérle. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos de discriminação racial relativos ao gênero”. *Revista de Estudos Feministas* – 10. Ano – 2002 – p.171 a 178.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1996.

ELIAS, Norbert. **Introdução a Sociologia**. Lisboa. Edições 70 Ltda., 2008.

ESTATUTO DA JUVENTUDE disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP & A Editora. 2006.

JESUS, Paulo de. Desenvolvimento Local. In.: CALTANI, David (org). **A outra economia**. (p.72-75). 1ª Edição. Porto Alegre, RS: Unitrabalho e Veraz Editores, 2003.

LIMA, Jacob Carlos. **Novas formas, velhos conteúdos: diversidade produtiva e emprego precário na indústria do vestuário**. Revista Política e Trabalho, João Pessoa v. 15, novembro de 1999.

MELUCCI, Alberto. **Por uma Sociologia Reflexiva**. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2005.

VÉRAS DE OLIVEIRA, R.. **O Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco: ensaiando uma perspectiva de abordagem**. In: Araújo, Ângela; Vêras de Oliveira, Roberto. (Org.). Formas de trabalho no capitalismo atual. 1ªed.São Paulo: Annablume Editora, 2011, v. 1, p. 17-65.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. Campinas. Editora Pontes. 2000.

IMDEC. 1996.

ONG ASA, SEMIÁRIDO disponível em <http://www.asabrasil.org.br/Portal/>

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Reconhecer para Libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso Sobre as Ciências*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf> acessado em 12 /12 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Subjetividade, Cidadania e Emancipação. **Revista Crítica de Ciências Sociais** vol. 32. 1991. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/32/> acessado em 26/02/2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo, Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e para uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais. V. 63 –2002 – p. 237 a 280.

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife. 1990. Disponível em http://www.pibid.ufpr.br/pibid_new/uploads/edfisica2011/arquivo/87/joan_scott.pdf. Acessado em 10/08/2014.

SIQUEIRA, Deis; OSORIO, Rafael. **O Conceito de Rural**. Buenos Aires. CLACSO. 2001. Disponível <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100929012130/5osorio.pdf>

SOUZA, Carmem Zeli Vargas. **Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites**. Revista Última Década. V. 20 - 2004 - p. 47 a 69. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo;jsessionid=437C2578C184E7B05E6A43812AD66DC2.dialnet02?codigo=2255249>

SPENILLO, Giuseppa Maria Daniel. **A Abordagem Configuracional: uma estratégia de pesquisa para enfrentar múltiplos desafios das sociedades da informação ou do conhecimento**. Anais do XXIII SBS. Recife. UFPE. 2007.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. (2000). **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. Revista sociedade e Agricultura, outubro/2000. P. 87-145.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015. Homicídios de Mulheres no Brasil. Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/Mapa_Violencia_2015_mulheres.pdf acessado em 15/03/2016.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo. Zahar Editores. 1974.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Poder Público

Secretaria da Juventude

1. Como a prefeitura vê a jovem rural, quais as preocupações e ações são desenvolvidas para atendê-los?
2. Quais as políticas públicas ou ações governamentais atendem as jovens do distrito de Cachoeira Seca?
3. Como você entende que a jovem pode colaborar com o desenvolvimento local?
4. Na sua opinião, como é tratada a visibilidade/invisibilidade das jovens rurais?
5. Cachoeira Seca é um sítio ou comunidade?. Quais os parâmetros usados pela prefeitura para definir uma área como rural?
6. Existe algum levantamento sobre o destino das jovens de Cachoeira Seca após o término do ensino fundamental?
7. Existe algum programa de lazer para as jovens de Cachoeira Seca?
8. Qual a principal atividade realizada pelas jovens de Cachoeira Seca para geração de renda?

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Poder Público

Secretaria da Mulher

1. Quais as políticas públicas ou ações da secretaria atendem a comunidade Cachoeira Seca?
2. Existem diferenças nas ações da secretaria em relação as jovens: Rural e urbano?
3. Em relação a violência contra a mulher, qual a situação da comunidade?
4. Qual a maior demanda das jovens rurais em relação a Secretaria da Mulher?
5. Em relação a participação política da mulher no município, qual a faixa de participação das mulheres rurais (quantitativo).
6. Em relação a geração de renda, qual a participação da mulher no município, principalmente das jovens?

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Poder Público

Secretaria da Saude/ Posto de Saúde Local

1. Qual a população da comunidade Cachoeira Seca?
2. Quantas mulheres e quantos homens?
3. Existe algum programa específico para atender as jovens mulheres?
4. Quais as principais doenças que acometem as jovens mulheres de Cachoeira Seca?
5. Existe casos de violência doméstica atendidos nesse posto?
6. Qual a incidência de gravidez na adolescência?
7. Que outras informações características da cidade você gostaria de acrescentar?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS
Jovens Mulheres Rurais

1. O que é ser jovem mulher na área rural para você?
2. Você trabalha? Com quantos anos começou a trabalhar?
3. Me conte sobre seu dia. Da hora de acordar até a hora de dormir, vamos rever as suas atividades?
4. Quantas horas você trabalha por dia?
5. Quantas horas você realiza trabalho doméstico?
6. Somando as horas de trabalho que gera renda e trabalho doméstico, sua jornada de trabalho diária é de quanto tempo?
7. Você estuda? Se estuda, como associa a escola com o trabalho?
8. Na escola existe algum trabalho aplicado a questão de gênero?
9. Na escola, vocês vêem que os direitos entre as mulheres e os homens são iguais/ (dentro das atividades)
10. Nas relações familiares, quem organiza as finanças da casa?
11. Nas relações familiares, existe divisão de trabalho doméstico entre as esposas e os maridos/ as irmãs e os irmãos?
12. Após o término da escola do ciclo fundamental, as/os jovens de Cachoeira dão continuidade aos estudos?
13. Em relação ao lazer, quais as opções para as jovens mulheres na comunidade?
14. Quanto a saúde, você participa de algum programa de prevenção a doenças sexuais transmissíveis?
15. Ainda na saúde, existe algum tipo de atendimento específico para mulher que você sente falta e necessita ir a outra localidade para fazer?
16. Como ocorre a relação entre você e seus avós? Podem me falar se percebem alguma mudança nas relações de seus pais em relação aos seus avós? (marido e mulher)?
17. O que é preconceito para você?
18. Você é preconceituosa?
19. Para você, o que poderia ser feito para melhorar a sua qualidade de vida na comunidade de Cachoeira Seca?

AS JOVENS RURAIS DE CACHOEIRA SECA/CARUARU: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL ENTRE GÊNERO/JUVENTUDE/DESENVOLVIMENTO LOCAL

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise da demanda de políticas públicas a partir da voz das jovens mulheres da comunidade Cachoeira Seca, localizada na zona rural de Caruaru e semiárido pernambucano, na perspectiva da interseccionalidade. Esta é uma forma tridimensional de olhar a discriminação e o espaço de subordinação em que se encontra o sujeito social que recebe a política pública. A relevância desse estudo está na compreensão das dinâmicas sociais e das relações de poder em uma comunidade rural, de um grupo social que se configura como jovens mulheres rurais que trabalham com a costura e ainda, em grande parte têm um histórico de agricultoras na família e em alguns casos se identificam como agricultoras e costureiras.

Nesse sentido buscamos analisar se as políticas públicas que são oferecidas às jovens rurais, atendem as suas demandas, dando voz às pesquisadas. Nosso aporte teórico parte das leituras de Kimbérle Crenshaw (2002) interseccionalidade; Maria de Nazareth Baudel Wanderley (2000) Rural; Maria Elisa Guaraná de Castro (2006) Juventude Rural; Norbert Elias (1994) Sociedade e Indivíduo; Paulo de Jesus (2003) Desenvolvimento Local; Augusto Tribaldo Trivinos (2003) Metodologia, Joan Scott (1990) Gênero, entre outros.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Juventude Rural, Gênero, Desenvolvimento Rural.

AS JOVENS RURAIS DE CACHOEIRA SECA/CARUARU: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL ENTRE GÊNERO/JUVENTUDE/DESENVOLVIMENTO LOCAL

Eliane Maria Araujo da Silva

Introdução

O presente artigo objetiva analisar pelo método da interseccionalidade as relações gênero/rural/desenvolvimento local, a demanda de políticas públicas das jovens mulheres rurais da comunidade Cachoeira Seca/Caruaru a partir da sua voz. No sentido de compreendermos se as políticas públicas estão ausentes/presentes dentro dessa demanda, analisamos de que forma ocorre/não ocorre comunicação entre o grupo pesquisado e o poder público local.

A leitura interseccional surgiu nas últimas décadas, quando os estudos de gênero começaram a utilizar outras formas de diferenças como a etnia, a classe social ou a orientação sexual, ressaltando todas elas no sentido de compreender as desigualdades produzidas contra as mulheres. Alba Alonso (2010, 1) afirma que embora essas desigualdades já fossem conceituadas (dupla discriminação, discriminação composta) a expressão que mais se aproxima dessa análise é a interseccionalidade.

A relevância desse estudo está na compreensão das dinâmicas sociais e das relações de poder em uma comunidade rural, que traz em sua configuração jovens mulheres rurais que trabalham com a costura e ainda, em grande parte têm um histórico de agricultoras na família e em alguns casos se identificam como agricultoras e costureiras.

Dessa forma, faz-se a leitura de gênero identificando as relações de poder local. Para Joan W. Scott (1990) o conceito de gênero surgiu em oposição ao determinismo relacionado aos sexos, dando-lhe uma conotação definitivamente social. Porém, a autora vai além, afirmando que gênero implica no conhecimento referente às diferenças sexuais, conhecimento este suscitado a partir da compreensão dos processos culturais e sociais que ocorrem nas relações de poder, principalmente no campo do trabalho. Ressalta ainda a autora que o conceito de gênero não é útil apenas para a história das mulheres, mas também à história, pois se trata de um campo importante para os estudos das desigualdades sociais e de suas diferenças.

A compreensão sobre as relações de poder entre homens e mulheres em cachoeira Seca, implica na visualização das desigualdades que existem historicamente entre gêneros. Dessa forma, vamos de encontro a questão: O que é ser jovem mulher no espaço rural?

Introduz-se o entendimento sobre as jovens rurais da comunidade pesquisada a partir da leitura sobre a juventude no campo do conhecimento. Os estudos sobre a juventude enfatizam as/os jovens como problemas sociais, Helena Wendel Abramo (1997), afirma que os temas abordados colocam as/os jovens e suas dificuldades ligadas às drogas, família ou escola em evidência. Carmem Zeli Vargas Gil Souza (2004, p.48) corrobora com a leitura de Abramo (1997) quando diz que ao associar a juventude a noção de crise, drogas, irresponsabilidades que necessitam de políticas públicas, o poder público não aborda a juventude a partir da “normalidade do seu cotidiano”. Nesse sentido, observa-se outro fator relevante que é a diversidade da categoria juventude engendrando “juventudes” a partir da sua pluralidade.

Aproxima-se o olhar para essas juventudes, buscando compreender as/os jovens rurais, grupo que Maria José Carneiro (1998) afirma não ser de grande interesse para os pesquisadores nem das instituições que desenvolvem projetos sociais. No entanto, a autora nos indica que já existe uma busca pela pesquisa desses jovens devido a “crise da agricultura familiar e dos processos econômicos recentes que transformam o rural em um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola”. Nesse sentido, a autora declara que a juventude rural é o grupo mais atingido com *a queda do muro* entre o rural e o urbano, principalmente pela perda das perspectivas dos que vivem da produção agrícola.

Diante da crise na agricultura, as jovens rurais da comunidade Cachoeira Seca atuam como costureiras em facções³ instaladas em suas residências. Essa atividade está vinculada ao PCA – Pólo de Confecções do Agreste, principalmente a Toritama que junto com Caruaru e Santa Cruz de Capibaribe são os maiores produtores da região.

Nesse artigo apresentam-se as seguintes questões:

- Como ocorre a comunicação entre o poder público e a comunidade?
- De que forma chegam ou não, as reivindicações desse grupo ao poder público?

³ De acordo com SEBRAE(2013) as facções são unidades produtivas que realizam ações/tarefas que fazem parte do processo produtivo das confecções.

- Quais as demandas locais dessas mulheres, costureiras, mães e em alguns casos também agricultoras?

As estratégias metodológicas para realização dessas entrevistas foram qualitativas, com entrevista semi-estruturada e levantamento quantitativo de dados do censo local. A entrevista semi-estruturada, conforme Triviños (1987, p.146), baseia seus questionamentos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Dessa forma, também novos questionamentos surgem a partir das informações recebidas dos pesquisados e conforme o autor, a entrevista semi-estruturada “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”.

Para reforçar o nosso diálogo e compreensão dos modos de vida das entrevistadas, realizamos um processo de “tradução”. Santos (2002, p. 262) entende que o trabalho de “tradução” entre as culturas, permite a compreensão da realidade pelo pesquisador a partir do pesquisado, da sua cultura e das suas experiências. Santos (2002) indica que este processo consiste em identificar “a relação hegemônica entre as experiências e o que nestas está para além dessa relação”.

Orientando-se em Norbert Elias (2008), compreende-se que os estudos sociais e humanos exigem que os pesquisadores não se distanciem dos outros indivíduos, pois somos humanos e devemos reconhecer os outros, não como objeto – mas como parte da sociedade que estudamos. Portanto, quando pensamos e analisamos os fenômenos sociais, não podemos esquecer que somos membro de uma sociedade e, neste sentido, Elias (2008, 13) indica que “Ao pensarmos na sociedade contemporânea, é difícil fugir ao sentimento de estarmos a encarar seres humanos como se fossem meros objetos, separados de nós por um fosso intransponível”.

Elias (2008) propõe uma abordagem configuracional para compreensão dos indivíduos na sociedade e alerta quanto à questão da individualização da sociedade moderna, uma vez que se refere à distância que se coloca entre o indivíduo e o social. Em sua abordagem não existe uma separação entre indivíduo e sociedade, pois a sociedade é composta por indivíduos.

Foram entrevistadas doze mulheres moradoras de Cachoeira Seca, a agente de Saúde local C. S., o representante da gerência da Juventude de Caruaru F. R. N. e da representante Secretaria da Mulher K. L., a última não presencial. O perfil das entrevistadas locais tem a seguinte configuração, resumida no Quadro 1.

Quadro 1 – perfil das jovens mulheres entrevistadas em Cachoeira Seca

Atividades	Quantidade
Costura / Trabalho doméstico	06
Costura / Trabalho doméstico / Agricultura	01
Costura/ Estuda	02
Agricultura	02
Agricultura e comércio	01

Observamos a relevância das entrevistas com as agricultoras, no sentido de compreender as configurações históricas e sociais da comunidade. Embora as duas entrevistadas não pertençam ao grupo de “jovens”, não seria possível entender as mudanças nas atividades de geração de renda das mulheres locais sem seus depoimentos. Salientamos que nas falas das entrevistadas os nomes estão abreviados, conforme acordo com as mesmas.

2. Interseccionalidades nas Políticas Públicas

O trabalho de análise de políticas públicas sob a perspectiva da interseccionalidade, traz novas possibilidades para uma leitura sobre as desigualdades tendo como referência a diversidade do sujeito. Segundo Alonso (2010) o termo foi introduzido por Kimberlé Crenshaw para chamar a atenção à existência de “vários eixos de desigualdade (raça, etnia, gênero, etc.) que, tal como avenidas numa grande cidade transcorrem de modo independente, contando, no entanto, com múltiplas e variadas intersecções.”. Avtar Brah (2006, 22) traz à luz a importância de evitar um olhar unilateral das desigualdades, por exemplo, sobre o patriarcalismo:

Seria muito mais útil compreender como relações patriarcais se articulam com outras formas de relações sociais num contexto histórico determinado. Estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como “variáveis independentes” porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela.

Dessa forma, essa pesquisa propôs observar as configurações locais, as relações de poder sociais e históricas. O objetivo é identificar quais as relações entre as

categorias, os locais e modos de vida dos sujeitos pesquisados, para realizar a leitura interseccional.

Quem são essas jovens mulheres rurais da comunidade Cachoeira Seca? Elisa Guaraná de Castro (2006) afirma que o ser “jovem rural” no Brasil já o coloca num lugar de submissão hierárquica social e ser “jovem mulher rural” compreende ocupar um espaço de inferioridade nessa hierarquia. Isso ocorre, no sentido em que as relações de gênero implicam nas relações de poder, nas práticas sociais, políticas, econômicas e nos modelos concebidos pela sociedade.

Nesse sentido, observamos durante os relatos nas entrevistas que as desigualdades de gênero podem ser identificadas das seguintes formas:

- Jornada de trabalho - as mulheres locais trabalham na costura por produção, dessa forma têm uma média diária que chega a 16 horas dependendo da demanda de trabalho. Como nos relata a costureira e agricultora M.C.: *“Amanheceu o dia, clareou, tem trabalho eu já to na “estaca”. Nós trabalha de cozinha, costurando e quando não é costurando e é inverno, trabalha na agricultura. Cinco horas da manhã eu já to no mundo, de um lado ou de outro.”* ;
- Na Religião - durante entrevista com a costureira M.S. ela nos relatou que em uma igreja evangélica local o espaço da mulher e o do homem são distintos durante o culto: *“Olhe a mulher lá não pode pregar, a mulher tem um altarzinho que é mais baixo e ela pode rezar ali e o outro mais alto que existe é pro homem.”*;
- No Lazer - A agente de saúde C. S., relatou que as mulheres não podem ir a bares locais com amigas porque são locais que “mulheres de bem” não devem frequentar; A costureira G.S. disse na entrevista que *“[...] aqui não tem lazer pra mulher não. Pros homens tem quadra de futebol, bares, eles se sentam pra conversar com os outros nas calçadas. Mas a gente não pode não. Porque não fica bem “mulher no meio dos homem” ou na rua sozinha”*

Observa-se nessas relações que existem vários fatores de desigualdade além do gênero. O trabalho informal por produção exige que a jornada seja maior em prol de uma melhora na renda. No caso de uma mulher que trabalha na formalidade, a jornada é de 8 horas diárias e há o acesso aos direitos trabalhistas.

Esses processos de desigualdades e ausência de direitos para Santos (1991) são resultados de uma emancipação criada na modernidade a partir da racionalidade instrumental, que suprime o sujeito social e desta forma as ações coletivas:

A medida que a trajetória da modernidade se identificou com a trajetória do capitalismo, o pilar da regulação veio a fortalecer-se à custa do pilar da emancipação num processo histórico não linear e contraditório, com oscilações recorrentes entre um e outro, nos mais diversos campos da vida coletiva e sob diversas formas. (SANTOS, 1991, p.136)

Compreende-se que o lugar ocupado pelas jovens mulheres de Cachoeira Seca, a sua invisibilidade no sistema de produção, advém dos processos históricos locais. A falta de perspectivas na agricultura as levou a vulnerabilidade, e dessa forma, houve um aproveitamento das empresas e indústrias do PCA – Pólo de Confeccões do Agreste sobre essa comunidade rural.

O desenvolvimento local (DL) nessa análise, orienta-se na leitura de Paulo de Jesus (2003) que indica o desenvolvimento alternativo (DA) , como forma de atender a demanda social e econômica locais. As políticas públicas nesse processo devem partir do local, contrapondo os modelos hegemônicos em que o Estado produz suas políticas sem levar em consideração as diversidades e particularidades locais.

Neste sentido, observando as relações de trabalho e produção das jovens mulheres rurais da comunidade pesquisada, não encontramos nessas relações, aspectos que favoreçam a construção de um desenvolvimento alternativo.

3. A Comunidade e suas mulheres

Cachoeira Seca está localizada no 2º. Distrito Rural de Caruaru, recebeu esse nome devido a uma cachoeira existente no local, que segundo a moradora mais antiga – D. Severina, neta do fundador da cidade José Clemente de Souza – só enche em época de chuva e noutros períodos vive seca.

O clima semiárido⁴ do local, colabora com as dificuldades na agricultura, segundo as moradoras muitos dos cultivos deixaram de ser feitos devido as mudanças

⁴ Conforme a Articulação do Semiárido Brasileiro/ASA (<http://www.asabrasil.org.br/portal>), sua maior área territorial é coberta pela caatinga, sendo único bioma exclusivamente brasileiro -, rico em espécies endêmicas, ou seja, que não existem em nenhum outro lugar do mundo. A composição florística da Caatinga não é uniforme em toda a sua extensão. Apresenta grande variedade de paisagens, de espécies animal e vegetal, nativas e adaptadas, com alto potencial e que garantem a sobrevivência das famílias agricultoras da região.

climáticas e pragas. A primeira grande perda foi a do algodão, devido a uma praga chamada “pulgão” que devastou as plantações. Estes insetos, segundo o Instituto Biológico de São Paulo⁵, se alimentam da seiva das plantas e se reproduzem com rapidez, pelo processo de “partenogênese” - ou seja, sem a necessidade do macho. Uma das formas de diminuir sua reprodução é a presença de chuvas, no entanto, a ausência dessas chuvas aumentou nos últimos cinco anos na região – segundo relatos das agricultoras.

De acordo com dados fornecidos pela enfermeira responsável pelo posto de saúde L. G., a composição da população local é a seguinte:

Quadro 2 – População de Cachoeira Seca por sexo e faixa etária

Faixa Etária	Feminino	Masculino
0 A 9	177	181
10 A 19	211	198
20 A 39	358	344
40 A 49	116	92
50 A 59	79	77
60 A 69	48	42
70 A 79	30	24
> 80	17	14
TOTAL	1036	972

A população de mulheres inseridas nos processos de produção de jeans e serviços na comunidade é de aproximadamente 812, se levarmos em consideração que a partir dos 10 anos fazem serviços de entrega.

Sobre a infraestrutura local, observamos as instituições presentes, e os seus desempenhos de acordo com as entrevistadas:

⁵ O Instituto Biológico de São Paulo pertence a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado. Disponível em <http://www.biologico.sp.gov.br/home.php>.

Quadro 3 – Instituições

Instituições locais	Quantidade
Escola Municipal – ensino fundamental	01
Posto de Saúde	01
Igrejas Católicas	02
Templos Evangélicos	07
Praça	01
Clubes com piscina	01

A escola não possui rede de internet disponível para os alunos. Em relação a educação a entrevistada M.S. nos relata que *“No meu tempo a escola era melhor que hoje em dia. Era um grupo aqui embaixo, mas educava melhor que hoje em dia. Hoje em dia tem muita atividade e pouca educação. Meu filho tá na quinta série ele não sabe fazer uma conta de dividir...não sabe pra onde vai... ele tá na quinta serie devia saber, né?”*. Outra entrevistada M.C. também fez uma crítica *“Eu não acho nada da escola, que nós não tem escola. É todo prédio alugado”*. A escola tem várias salas alugadas na comunidade, e uma das demandas das entrevistadas é a centralização do prédio.

A costureira e agricultora M.C., admite que houve uma melhora com a mudança da gestora, que antes era de Caruaru e agora é uma moradora local. Dessa forma, as entrevistadas relatam que com a gestora de Caruaru era mais difícil conversar, porque segundo A.P. *“ela não conhecia os problemas da gente e agora não, Ana Lúcia é nascida e criada aqui, conhece todo mundo. Ela sabe das dificuldades da gente”*.

A praça local não é frequentada devido a falta de segurança, a jovem M.D. declarou que *“A gente não frequenta a praça porque tem muito assalto aqui, mesmo com segurança que a gente paga. E também não tem nada pra fazer.”*

Em relação a piscina, as entrevistadas disseram não frequentar, ou porque tem muito homem ou por ser frequentado por gente de fora da comunidade.

A proximidade com o município de Toritama foi decisiva na inserção das mulheres da comunidade no sistema produtivo do PCA. Os municípios de Caruaru, Santa Cruz de Capibaribe e Toritama segundo o SEBRAE (2013), são as localidades que possuem o maior número de indústrias do Pólo de Confecções do Agreste.

Em Cachoeira Seca funcionam as facções, essas instalações são encontradas em garagens ou fundos de quintais, onde ficam as máquinas de costura e as peças de jeans em rolos ou já moldadas. Em alguns casos são alugados pequenos salões ou garagens, pois segundo a costureira H.S. os tecidos soltam muito pó e a tinta prejudica a saúde das pessoas em casa.

A partir dos relatórios do programa *Saúde no Campo* cedidos pela gerência da juventude de Caruaru, as doenças que mais acometem as mulheres locais são: problemas relacionados a saúde mental, transtorno causado por álcool e outras drogas, alergias e dores na coluna devido a rotina do trabalho. Em relação a saúde mental, foi encontrado um grande número de mulheres com sinais de depressão, o grupo que realiza o trabalho não apresentou os resultados das causas. Porém, há pistas que estejam relacionadas a jornada dupla de trabalho – doméstico e domicílio relacionado a ausência de espaços de lazer para as mulheres.

A renda média é de aproximadamente 01 Salário mínimo/mês/pessoa, valor que varia entre R\$ 800,00 a R\$ 900,00. A baixa remuneração das costureiras subcontratadas das indústrias têxteis, segundo Jacob Carlos Lima (1999,122) deve-se entre outros fatores pelo ofício ser considerado desqualificado, pois é de fácil aprendizagem. Como trabalham na informalidade, elas não recebem nenhum tipo de direito trabalhista. A costureira e agricultora M.C. declarou que paga o sindicato dos agricultores para poder ter direito a aposentadoria no futuro.

Essas mulheres que alinhavam seus sonhos em tecidos de fora, são jovens rurais que estão invisíveis no sistema de produção e dessa forma do jogo social pelos direitos. Necessitam de uma política pública de empoderamento⁶, no sentido de fortalecer o grupo e suscitar um gérmen político e emancipatório.

3. As demandas das jovens mulheres da Comunidade

Nos relatos das mulheres entrevistadas identificamos as suas demandas, e também as suas críticas aos serviços e políticas públicas existentes no local.

Em relação ao programa Bolsa Família Z.S. nos relatou que:

Eu fui umas três vez e não consegui de jeito nenhum. Eu saía de madrugada, pra Bolsa Família que era lá embaixo. ..longe. E quando chegava lá o que acontecia, aqueles que tinha condição conseguia e eu não conseguia. Apois eu falei assim, sabe de uma coisa, vou mais não.A pessoa não tem dinheiro, passa o dia sem tomar café...sem

⁶ Do inglês empowerment, : significa dar poder.

almoçar... e ainda não consegue, fui mais não. Aí veio uma moça aqui, eu tava na casa de meu irmão, e quando cheguei ela tava me esperando. Fez uma entrevista, perguntou se eu tinha televisão, eu disse não, se cozinhava com gás...eu até tenho um botijão de gás, mas eu queimo mais lenha...eu sei que ela disse que eu tinha que ter bolsa família e perguntou por que eu desisti. Aí eu falei, quem tomava conta do posto era J. e ele só botava quem ele queria, aí ela anotou no papel que era urgente! Aí eu fui lá de novo e fiz. (entrevistada Z.S., 2015)

Podemos perceber pelo discurso de Z.S. as dificuldades de acesso ao programa Bolsa Família. A entrevistada também relatou que “os privilégios” se estendem ao acesso a água também: *“Chega água aqui, cadê que eles dão pra quem não tem condição... agora quem pode pagar 230 conto por um caminhão de água?”* Observando esses elementos na comunidade, observa-se o que Santos (2009) afirma: “[...] a exclusão social é sempre produto de relações sociais desiguais”.

A demanda por creche no local, característica de mulheres que trabalham fora de casa, é citada por três das entrevistadas. As costureiras M.S. e H.S. argumentam que é necessária uma creche para que as mulheres possam trabalhar em casa, pois têm que cuidar das crianças e da costura. A.P. relata que *“Uma creche era bom aqui, pra botar as criança né. Porque tem muita mãe aqui que precisa trabalhar e a pessoa que trabalha período integral tem que ter uma creche boa, né? Que fique com as criança e que olhe as crianças.”*. A costureira tem uma criança pequena, por isso trabalha pouco, queria melhorar sua renda, mas dá prioridade a criação do filho.

A jornada de trabalho dessas mulheres é em média de 16 horas/dia, as costureiras relatam que apesar do cansaço é uma forma de não passarem necessidade. M.C. observa que não existe outra opção no local, agricultora e costureira a sua explicação foi que: *“[...] não tem inverno suficiente pra nós drenar a zona rural, né? Aí tem que trabalhar com o jeans, a solução da gente é o jeans. Se não fosse, nós tava pedindo esmola e nem esmola nós não ganhava, não tinha quem desse.”*.

Santos (2009, p. 13) nos orienta no sentido de que “Os processos de globalização neoliberal em curso têm levado à crescente difusão de uma lógica de mercado, para qual a dignidade, a segurança e mesmo a sobrevivência do ser humano deixaram de ser valor central.”. No caso das jovens mulheres rurais da comunidade, observa-se um grupo vulnerável absorvido pela hegemonia das indústrias têxteis do Pólo de Confecções do Agreste.

As jovens costureiras também colocam como demanda local um programa ou ação do governo que possibilite o acesso às feiras de confecções em Caruaru. Para G.S.

“Se os governo ajudasse a gente, fizesse alguma coisa ou emprestasse algum dinheiro pra gente ter uma lojinha nas feira. Mas eles só vem aqui na época de pedir voto, depois se some todos”. Uma das vias de fortalecimento da voz dessas mulheres seria a AMJICS/Associação das Mulheres Jovens e Idosas de Cachoeira Seca, no entanto, segundo sua presidente C. S., há um ambiente de competitividade no local. C. S. relata ainda que “A associação tem pouco tempo de vida, e ainda, as mulheres não se apropriaram do local para debate e empoderamento”, há uma preocupação em não perder o espaço que conquistaram.

4. Considerações Finais

Este artigo buscou trazer da comunidade de Cachoeira Seca, a voz das jovens locais e suas demandas. A partir dos seus discursos construiu-se essa leitura, que visibiliza lugar e modos de vida dessas mulheres no processo produtivo do PCA – Pólo de Confeções do Agreste na academia.

Compreende-se que as práticas patriarcais estão fortemente presentes, no entanto, os processos de desigualdades sofridos pelo grupo pesquisado vai além. Percebe-se desigualdades nas desigualdades, a partir de uma observação relacional das categorias gênero, juventude rural e desenvolvimento local. A abordagem sob a perspectiva da interseccionalidade implementa uma forma diferente de observar as diversidades, as desigualdades – abrem-se janelas – e pode-se olhar o todo e vê-se as partes.

Nossa primeira questão foi compreender se há comunicação entre o poder público municipal e as jovens locais. Neste sentido, observa-se que a Associação de Mulheres Jovens e Idosas de cachoeira Seca pode ser o caminho para que haja uma possibilidade de diálogo e forma de reivindicar as demandas locais. Superando os desafios nos processos de construção do sujeito coletivo, o grupo se fortalece e pode escrever uma outra história na comunidade.

Durante as entrevistas percebeu-se que as jovens mulheres quando reivindicavam melhorias na escola, possibilidades para investir em negócio próprio, o lazer – estavam atreladas a família.

A prática de epistemologias que consideram a diversidade cultural, as configurações sociais locais, o discurso e a relação de trocas de saberes com as comunidades pesquisadas, entre outras, talvez seja uma gênese para uma nova relação entre a academia e a comunidade, sabendo-se que a academia ocupa a comunidade e a comunidade também deve ocupar a academia.

5. Referências

ALONSO, Alba. A Introdução da Interseccionalidade em Portugal: Repensar as Políticas de igualdade (s). **Revista Crítica de Ciências Sociais**. V. 90 – 2010 – p.25 a 43.

ABRAMO, Helena W. **Considerações sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil**. **Revista Brasileira de Educação**. V. 5 – 1997 – p.25 a 36.

BAVA, Silvio Caccia. **Tecnologia Social e Desenvolvimento Local**. Disponível em <http://www.polis.org.br/uploads/1522/1522.pdf>

BEZERRA, Elaine M. **O Trabalho a Domicílio das Mulheres do Cariri Paraibano no Pólo de Confeções do Agreste de Pernambuco**. 2001.150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2001.

CARNEIRO, M.J. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**. In: Silva, F.C.T.; Santos, R.; Costa, L.F.C. (Org.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Processos de Construção da Categoria Juventude Rural Como Ator Político: participação, organização e identidade social**. Disponível em http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2010/Elisa%20Guaran%C3%A1%20de%20Castro.pdf acessado em 10/10/2014.

CRENSHAW, Kimbérle. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos de discriminação racial relativos ao gênero”. *Revista de Estudos Feministas* – 10. Ano – 2002 – p.171 a 178.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1996.

ELIAS, Norbert. **Introdução a Sociologia**. Lisboa. Edições 70 Ltda., 2008.

ESTATUTO DA JUVENTUE disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm,

JESUS, Paulo de. **Desenvolvimento Local**. In.: CALTANI, David (org). **A outra economia**. (p.72-75). 1ª Edição. Porto Alegre, RS: Unitrabalho e Veraz Editores, 2003.

LIMA, Jacob Carlos. **Novas formas, velhos conteúdos: diversidade produtiva e emprego precário na indústria do vestuário.** Revista Política e Trabalho, João Pessoa v. 15, novembro de 1999.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso.** Campinas. Editora Pontes.2000

ONG ASA, SEMIÁRIDO DISPONÍVEL EM <http://www.asabrasil.org.br/Portal/>
TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Reconhecer para Libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso Sobre as Ciências.* Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf> acessado em 12 /12 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Subjetividade, Cidadania e Emancipação. **Revista Crítica de Ciências Sociais** vol. 32. 1991. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/32/> acessado em 26/02/2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo, Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e para uma sociologia das emergências.** Revista Crítica de Ciências Sociais. V. 63 –2002 – p. 237 a 280.

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.** Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife. 1990. Disponível em http://www.pibid.ufpr.br/pibid_new/uploads/edfisica2011/arquivo/87/joan_scott.pdf. Acessado em 10/08/2014.

SEBRAE. Relatório “**Estudo Econômico do Arranjo Produtivo Local de Confeccões do Agreste Pernambucano em 2012.**”Disponível em <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Estudo%20Economico%20do%20APL%20de%20Confeccoes%20do%20Agreste%20-0%202007%20de%20MAIO%202013%20%20docx.pdf> Acessado em 07 de abril, 2016.

SOUZA, Carmem Zeli Vargas. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. Revista Última Década. V. 20 - 2004 - p. 47 a 69. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo;jsessionid=437C2578C184E7B05E6A43812AD66DC2.dialnet02?codigo=2255249>

SPENILLO, Giuseppa Maria Daniel. **A Abordagem Configuracional: uma estratégia de pesquisa para enfrentar múltiplos desafios das sociedades da informação ou do conhecimento.** Anais do XXIII SBS. Recife. UFPE. 2007.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. (2000). **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo.** Revista sociedade e Agricultura, outubro/2000. P. 87-145.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia.** São Paulo. Zahar Editores. 1974.